



MARVIN EDGAR RÍOS GUERRA HIJO

VITÓRIA NA GUERRA: O Caso da Segunda Guerra do Líbano

João Pessoa

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARVIN EDGAR RÍOS GUERRA HIJO

VITÓRIA NA GUERRA: O Caso da Segunda Guerra do Líbano

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Graduação em
Relações Internacionais da Universidade
Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior

João Pessoa

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H638v Guerra Hijo, Marvin Edgar Ríos.
Vitória na guerra: o caso da segunda guerra do Líbano / Marvin
Edgar Ríos Guerra Hijo. – João Pessoa, 2016.
59f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Júnior.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) – UFPB/CCSA.

1. Segunda Guerra no Líbano. 2. Conflito Líbano-Israelense. 3.
Hezbollah. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU:



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova, com nota 9,0, o Trabalho de Conclusão de Curso

"Vitória na Guerra: o Caso da Segunda Guerra do Líbano"

Elaborado por

Marvin Edgar Rios Guerra Hijo

Como requisito parcial para a obtenção do grau de

Bacharel em Relações Internacionais.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior – UFPB (Orientador)

Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre – UEPB

Prof. Dr. Marcos Alan Shaikhzadeh Vahdat Ferreira - UFPB

João Pessoa, 21 de novembro de 2016.

RESUMO

A vitória na segunda guerra do Líbano é difícil de ser mensurada somente com o sucesso obtido em batalha. Como reconhecer a vitória em um ambiente onde o conflito não é baseado na guerra convencional? O presente trabalho visa identificar se é possível afirmar a ocorrência de vitória no conflito Líbano-israelense. Ao longo do texto, tentamos elaborar um maior esclarecimento acerca do conceito de vitória. A preocupação conceitual se explica por a literatura se preocupar mais em como vencer a guerra e esquecer de considerar o sucesso alcançado com ela. Por isso, deve ser levado em consideração nesses estudos o que a guerra de fato é, para que seja possível entender o resultado da mesma: A vitória. Primeiramente, deverão ser abordados estudos acerca da vitória na guerra ao mesmo tempo que são definidos tipos de vitória e como eles podem ser reconhecidos. Em um segundo momento, a segunda guerra do Líbano (2006) é tratada, levando em consideração o contexto de sua ocorrência quais os interesses envolvidos e como se dá o fim do conflito, tentando ilustrar melhor a relação de meios para se chegar a vitória sob uma perspectiva israelita do ocorrido. Por ultimo, haverá a tentativa de aplicar o que se conhece por vitória dentro do caso para concluir se houve ou não vitória nesse conflito e que tipo de vitória aconteceu.

Palavras-chave: Guerra do Líbano; Vitória; Guerra; Hezbollah; Israel.

ABSTRACT

The victory in the second Lebanon war is difficult to measure only with the success obtained in battle. How to recognize victory in an environment where conflict is not based on conventional warfare? This paper aims to identify if it is possible to affirm the occurrence of victory in the Lebanon-Israeli conflict. Throughout the text, we try to elaborate further on the concept of victory. The conceptual concern is that literature is usually more concerned with how to win the war, thus forgetting how to consider the success it has achieved. That is why it must be taken into account in these studies what war actually is in order to be able to understand the result of it: the victory. First, studies on victory in war must be approached while defining types of victory and how they can be recognized. Secondly, the Second Lebanon War (2006) is addressed, taking into consideration how it takes its interests and how the conflict comes to an end, trying to better illustrate how the relationship of means to achieve victory from an Israeli point of view occurred. Finally, there will be an attempt to apply what is known as a victory within the case in order to infer whether or not there was a victory in that conflict and what kind of victory happened.

Key-words: Lebanon War; Victory; War; Hezbollah; Israel.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. Identificando Vitória.....	14
1.1. Conceituando Vitória.....	16
1.1.1. Carl Von Clausewitz.....	17
1.1.2. William Martel.....	20
1.1.3. J. Boone Bartholomess.....	23
1.1.4. Stephen Biddle.....	26
1.2. Relevância dos Conceitos de Vitória.....	28
2. Narrando a Guerra entre Israel e Hezbollah (2006).....	30
2.1. O Início do Conflito.....	30
2.2. O Conflito.....	33
2.3. Dos Interesses das Partes.....	37
2.4. Os Resultados.....	39
3. Como Considerar Vitória na Segunda Guerra do Líbano?.....	42
3.1. A Perspectiva Clausewitziana da Segunda Guerra do Líbano (2006).....	42
3.2. Uma Visão da Guerra Líbano-israelense Segundo Martel.....	44
3.3. A Vitória Relativa de Bartholomess na Segunda Guerra do Líbano (2006).....	47
3.4. A Avaliação de Biddle das Capacidades na Guerra entre Israel e Hezbollah (2006).....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de ataques israelenses ao Líbano.....	32
Figura 2 – Posicionamento da IDF até o momento do cessar fogo.....	36
Figura 3 – Número de foguetes lançados por dia pelo Hezbollah.....	37
Figura 4 – Escala de sucesso.....	49

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família e amigos pelo suporte que recebi ao longo desses anos na graduação, e também dedico a aqueles que de alguma forma me ajudaram a ficar de pé e perseverar nesse caminho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, Cira, pelo exemplo que é na minha vida de mulher forte e saber me encorajar com as palavras certas quando eu acreditava que já estava dando meu máximo. Por ter dito que eu precisava estudar mais e me esforçar mais, mesmo passando horas estudando.

Agradeço a minha irmã, Fernanda, por ter me introduzido ao curso de Relações Internacionais, quando ela ainda o cursava, e me ajudado nos primeiros períodos do curso, assim como ainda tem me ajudado nesse último ano.

Quero agradecer também ao empenho de meu orientador, Professor Augusto, por ter conseguido enxergar a possibilidade de progresso em mim, me apresentando aos estudos de estratégia, que me possibilitou a focar em um tema que é de meu agrado. Além de ter sido compreensível com minhas dificuldades e ter me ajudado a manter o foco nos estudos nesses últimos anos.

Queria finalizar agradecendo a todos os professores e amigos que de alguma forma fizeram a diferença em minha vida ao longo do curso, dando-me suporte, acreditando em mim, e sendo amigos.

A todos estes, o meu muito obrigado.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a vitória na guerra pode ser facilmente observada quando há alguma espécie de acordo ou tratado entre as partes beligerantes ao fim do conflito. A terminação formalizada da guerra permite deixar claro quem é(são) o(s) vitorioso(s), assim como explicita quem é o derrotado, obrigando o perdedor a assumir com certas responsabilidades no pós-conflito. No entanto, deve ser observada tanto o período de guerra que acontece entre os beligerantes como o período de acordo entre eles e por sua vez a caracterização dos vitoriosos e derrotados acontece, costumeiramente, quando os atores são Estados. Isso acontece como forma de legitimar o *outcome* do conflito, como aconteceu logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, onde os Estados vencedores impuseram, através de tratados, condições para a Alemanha. Dessa forma, a assinatura de instrumentos jurídicos que declaram os vitoriosos e derrotados podem ser considerados formas de reconhecimento sobre quem vence e quem perde, além de ser parte importante para o processo político e mitologia social de vitória (BARTHOLOMESS, 2008).

Assim sendo, o que pode caracterizar a vitória quando essa não consegue ser bem definida entre os participantes? Além disso, como antes mencionado, os acordos e tratados entre as partes beligerantes normalmente acontecem quando as partes integrantes do processo do conflito até sua resolução são Estados que têm a capacidade de celebrar acordos internacionalmente. Tornando o processo de condicionamento do vitorioso mais simples de ser observado e também legitimando o processo. A partir disso, como se torna possível contemplar um vitorioso na guerra observando que uma das partes envolvidas não é necessariamente um Estado soberano, dessa forma, não havendo a possibilidade de celebração de acordo e tratados legítimos para o reconhecimento dos *outcomes* ao fim da guerra (BARTHOLOMESS, 2008)? Lembrando que, atualmente, boa parte dos conflitos que acontecem não são entre atores estatais, mas em grande medida, disputas entre Estados e grupos não estatais movidos por ideais sociais, políticos, religiosos e outros.

Dessa forma, a caracterização de uma parte vitoriosa torna-se mais difícil de ser incorporada ao fim do conflito, assim como a legitimação política da mesma. Nessa dinâmica a respeito do processo de caracterização de vitorioso, como pode-se considerar vitória em um conflito quando este tem por principais atores beligerantes um Estado,

com todo seu aparato legal e reconhecido dentro do Sistema Internacional contra um grupo não estatal, que não tem poder legal dentro do Sistema Internacional?

Contextualizando a problemática da vitória em conflitos que sugerem a participação de atores não estatais como partes fundamentais¹, a Segunda Guerra do Líbano que ocorre em 2006 exemplifica bem o questionamento anterior. A relevância desse conflito para o estudo de vitória ocorre primeiramente pelos atores principais do conflito, sendo eles: Israel e o Hezbollah. Além disso, o fato de o Hezbollah não ser Estado, somado ao fato de que não há uma definição unânime a respeito do Hezbollah que, para alguns é um partido vinculado ao Líbano que tem suas reivindicações políticas, e para outros é um grupo terrorista. Isso contribui para uma problemática do objeto a ser estudado ainda mais interessante para a análise. Além disso, a consideração de quem foi vitorioso no conflito ainda não consegue ser bem definida entre autores que estudam o caso (MOR, 2016).

A partir do exposto em relação a problematização do conceito de vitória e somando com a guerra Líbano-israelense que ocorre em 2006, é possível considerar uma vitória israelense na Segunda Guerra do Líbano? Quando, por exemplo, o noticiário americano FoxNews (2006), aborda em uma de suas matérias que ambas as lideranças das partes envolvidas no conflito (Israel e Hezbollah) se consideram vitoriosas ao fim do conflito. Isso ocorre a partir do que cada uma delas conseguiu enxergar como vitória para si tendo como base os resultados obtidos ao fim da guerra.

Uma das principais reivindicações que o governo israelense teve como base para sua atuação militar no Líbano foi o resgate dos dois soldados abduzidos pelo grupo, durante uma emboscada realizada contra as unidades de patrulha fronteira das forças armadas. Por outro lado a liderança do Hezbollah usou tanto a emboscada como o sequestro dos soldados como formas de represália contra o governo israelense, por não estarem cumprindo com acordos relativos a prisioneiros árabes em Israel.

Assim sendo, com base na problemática acerca da vitória e somando o caso da Segunda Guerra do Líbano (2006), o presente trabalho busca trazer mais luz aos estudos de vitória na guerra tentando obter uma melhor percepção de vitória a partir do conflito entre Israel e o Hezbollah. Lembrando a relevância política intrínseca tanto ao fenômeno da guerra como em seu resultado, a vitória, como objetivo a ser alcançado por todas as partes quando se engajam em um conflito é o resultado positivo e satisfatório.

¹ Seja pela participação em si no conflito, apoio, mesmo que indireto a outros Estados.

Além disso, a discussão acerca da disputa militar e como considerar vitória atualmente, no contexto Estado rivalizando um grupo não estatal contribui para a formação da política externa dos países através da formulação de objetivos a serem alcançados, assim como no processo de tomada de decisão como aponta William Martel (2008). Pois o conhecimento político do que seria vitória, e em que circunstâncias ela ocorreria tornaria o processo de tomada de decisão acerca do fenômeno da guerra mais claro para aqueles que gerenciam esse processo nos países. Possibilitando uma melhor tomada de decisão sobre o engajamento militar ou não, assim como saber quais os meios a serem utilizados para alcançar seus interesses.

Dessa forma, é possível notar que um dos argumentos para que seja alcançada a vitória na guerra (que também tem perspectivas políticas) é a ligação que existe com o sucesso militar, pois no engajamento militar em conflitos é esperado que as forças armadas sejam capazes de cumprir os objetivos (militares) no campo de batalha, contribuindo para o alcance do objetivo principal, o interesse político que incentivou os conflitantes a se engajarem militarmente com o intuito de obterem resultados políticos satisfatórios (CLAUSEWITZ, 2007). Estes por sua vez concederiam a vitória, uma vez que o objetivo político tenha sido conquistado.

A Segunda Guerra do Líbano como caso ilustrativo de como é confuso determinar vitória entre Estado versus atores irregulares não estatais servirá para contribuir com um melhor entendimento de como considerar vitória. Dessa forma, este estudo de caso pode contribuir para a análise do fenômeno da vitória na guerra, a partir dos estudos realizados a respeito do que é de fato vitória. O fenômeno vitória pode ter várias características, tipologias e formas de se alcançar ao que ela é, dependendo da forma como é analisada e considerando os fatores que os estudiosos acerca do assunto apontam como necessários para que haja um reconhecimento do conceito em um caso específico. Em síntese, da mesma forma que existe uma dificuldade em atribuir vitória, a literatura sobre o tema também é inconclusiva (MARTEL, 2007).

Além disso, a indefinição quanto ao resultado do conflito na Segunda Guerra do Líbano contribui para o questionamento acerca de como se pode ser enxergada a vitória a partir do ponto de vista israelense. Onde uma das soluções a respeito do assunto é enxergar ou não uma vitória israelense no caso.

Dessa forma, a pesquisa de dados para contribuição do estudo de caso foi realizada de forma a, primeiramente, buscar teóricos que focassem no conceito de vitória e não em como vencer a guerra, para uma melhor identificação da mesma. E em

seguida, coletar dados concernentes a Segunda Guerra do Líbano, os quais mostrassem o ponto de vista dos atores envolvidos (Primeiro Ministro de Israel, Chefe das forças israelenses, líder do Hezbollah, assim como outros) e como eles conseguiam enxergar os resultados obtidos no conflito, mas tendo um enfoque nas perspectivas dos atores israelenses sobre a guerra. Dessa maneira, a análise dos dados é atribuída com base nos pressupostos dos objetivos dos atores envolvidos no conflito e como ela é enxergada pelos atores na guerra.

Assim sendo, o primeiro capítulo do trabalho versará a respeito da ligação que há entre o estudo de vitória e a Segunda Guerra do Líbano, apontando para o que torna este caso de relevância para os estudos acerca do fenômeno. Além disso, será dada devida atenção aos estudos diferenciados do conceito de vitória a partir da contribuição de cada autor, atribuindo valores que podem ajudar a compreender melhor a conceitualização de vitória. Dessa forma, podendo tornar a caracterização de vitória mais clara de ser interpretada, a partir do que será exposto pelas diferentes formas de se estudá-la. Desta forma, tentaremos tornar o mais claro possível para o leitor o que é vitória e o que não é vitória, e qual aporte teórico melhor pode ser encaixado para a análise da Guerra do Líbano (2006).

Em seguida, será exposta uma breve descrição da Segunda Guerra do Líbano, dando enfoque no que teria provocado o desencadeamento do conflito entre os dois atores já citados, assim como o escalonamento do processo, o que aconteceu durante o período do conflito, e qual o resultado alcançado pelas partes envolvidas. Também discutindo quem são os atores envolvidos no conflito. A exposição do conflito acontecerá tendo por base o aporte teórico definido no capítulo anterior para ajudar na análise e contribuir para o estudo do fenômeno, procurando mostrar quem venceu o conflito.

Por último será realizada uma análise do caso, considerando os aportes teóricos utilizados no primeiro capítulo, mostrando o que pode ser considerado como vitória israelense ou não. Assim, utilizando-se das ações orquestradas tanto pelas forças de defesa do país, como dos discursos proferidos pelo governo, que demonstrassem seus interesses, para poder observar se houve relação entre os discursos e as ações militares no campo de guerra, podendo assim atribuir vitória, também levando em consideração os resultados pós-guerra.

1. Identificando Vitória

A confusão de interpretações acerca do Hezbollah, especialmente se os combatentes seriam soldados ou terroristas, como aponta Ben Mor (2016), demonstra como a segunda guerra do Líbano foi confusa não só para o entendimento de vitória na guerra, mas também para o entendimento de quem seria o adversário das forças israelenses. Assim, a guerra do Líbano que ocorreu em 2006, também pode ser considerada como uma guerra onde os interesses políticos tanto de Israel, como do Hezbollah se chocavam.

A guerra clássica ocorre quando os interesses de dois ou mais atores entram em choque, considerando que esses interesses são as intenções políticas dos atores envolvidos. Dessa forma, a guerra acontece como uma continuação das relações políticas entre os atores, quando estes não conseguem entrar em um acordo de forma diplomática. A guerra nesse sentido acontece como se fosse uma última opção de tentar alcançar o objetivo político, ou aquilo que motivou a disputa de interesses (CLAUSEWITZ, 2007).

No entanto, se levado em consideração como as guerras são travadas (entre Estados) e os interesses de cada parte, o sucesso de um ator no conflito consegue ser medido por meio de suas ações na guerra e como elas se reverteram em resultados positivos, desencadeando uma vitória. A fim de facilitar os estudos de vitória e como ela pode ser identificada, autores como William Martel (2007) e Bartholomess (2008) tipificam a vitória.

A segunda guerra do Líbano, que ocorre em 2006, favorece ao questionamento acerca de como se entender a vitória nas guerras contemporâneas, onde não há mais uma predominância de atores estatais permeando os conflitos. A assimetria entre as forças também pode ser considerado uma das características das “Novas Guerras” como apontada por Herfried Munkler (2003); mas não uma assimetria de poder como considerada entre dois Estados, mas sim uma assimetria considerada entre um Estado e um grupo não estatal. Assim, sendo possível de observar diversos tipos de assimetrias, que pode começar desde o material bélico utilizado por ambas as partes, até mesmo o treinamento que as forças chegam a receber para poderem se engajar no conflito.

O interessante no argumento de Munkler (2003) é observar a capacidade que um grupo tem de enfrentar um ator mais bem preparado militarmente, além de ser capaz de lidar de forma párea com este, através de estratégias elaboradas considerando as desvantagens que esses grupos têm em relação a Estados mais bem organizados militarmente.

Além disso, o conflito entre atores estatais e atores não estatais permite-nos observar que pode haver confusão em definição sobre o adversário, como apontado por Mor (2016) acerca de Israel em respeito ao Hezbollah. É possível argumentar que da mesma forma que há indefinições sobre como abordar a guerra no sentido contemporâneo, ainda há complicações em como reconhecer a vitória ao fim de uma guerra. A vitória como objetivo das partes envolvidas no conflito torna-se ainda mais misteriosa de ser estudada. Isto, quando considerados as partes envolvidas, pois a vitória também pode depender do ponto de vista de cada ator (BARTHOLOMESS, 2008).

As considerações acerca do contexto atual da guerra como explicada por Munkler (2003), mostram que a guerra em si não é o único fenômeno que tem se tornado um objeto de estudo valioso para os tomadores de decisões, mas também como considerar a vitória (MARTEL, 2007). Isso decorre da forma como a guerra é travada entre os atores, pois isso pode influir no tipo de vitória. Fato é que aqueles que se engajam na guerra devem saber seus motivos e objetivos, caso contrário, lutar por lutar torna-se apenas uma forma de gastar seus recursos de formas mais rápidas, uma vez que guerras são custosas como aponta Patricia Sullivan (2007, 2008).

A guerra já é um tema complexo de ser entendido por sua natureza e pelos objetivos dos atores ao iniciarem uma. Observando que nem sempre o real objetivo da guerra é transparente para aqueles que não fazem parte da tomada de decisão e muitas vezes os próprios militares não conseguem identificar as razões pelas quais as guerras acontecem, mesmo estando em meio ao conflito. A vitória nesse contexto das “Novas Guerras” consegue trazer mais uma problemática a ser estudada e que deve ser de importância para os tomadores de decisões (MARTEL, 2007).

Como atestado aqui pela literatura centrada em Clausewitz (2007), a guerra envolve a articulação entre fins políticos e meios militares. A relação entre os objetivos políticos e os meios militares torna-se ainda mais crucial para que a vitória seja alcançada. Uma vez que vitória na guerra não quer dizer ser vitorioso nela como elaborado por Martel (2007) e Bartholomess (2008), pois para que a vitória seja alcançada é necessário se cumprir alguns pré requisitos, que podem diferir a partir do

tipo de vitória que se almeja. Assim sendo, a vitória no contexto atual, além de ser de difícil compreensão também se torna difícil de ser vislumbrada para aqueles que não fazem parte do processo decisório, fazendo com que haja uma confusão no reconhecimento da mesma, quando não se sabe o objetivo a ser alcançado. E quando é falado de processo decisório, isso se refere aos tomadores de decisão no momento em que estes decidem se a guerra irá acontecer ou não. Pois, assim como Clausewitz (2007) argumenta, para que a guerra ocorra, é necessário que ambas as partes envolvidas decidam pelo conflito, ou seja, que os atores que tenham seus interesses em choque, avaliem seus custos de entrar em guerra e só então consigam decidir se a guerra é um meio viável para alcançar o objetivo.

Dessa forma, para que a vitória consiga ser melhor vislumbrada na guerra do Líbano (2006) é necessário atentar para alguns dos estudiosos acerca do conceito em si. Considerando que o conflito que ocorre em 2006 como abordado por Mor (2016) traz consigo problemas de leitura do adversário, dentre os participantes da guerra, por questões de definições acerca do que seria seu inimigo no campo de batalha, o que torna complicada a forma de combater o adversário, pois ao saber como classifica-lo torna-se possível saber que tipo de tática de combate pode ser usada. Isso podendo também ser ligado ao resultado para os próprios participantes. Pois se não há uma boa definição dos adversários pode também não haver boa definição de objetivos, e por fim não há uma boa definição se houve ou não vitória por parte de Israel no conflito.

Então serão tratados alguns dos conceitos elaborados acerca de vitória para dar melhor luz ao que pode ser considerado no resultado final do conflito. Dessa maneira, com um melhor entendimento do que é ou não é vitória, pode-se incorporar ao conflito que ocorre em 2006 e tentar esclarecer de forma puramente teórica o que pode ser ou não considerada vitória para o Estado de Israel.

1.1. Conceituando Vitória

Como já fora abordada anteriormente, vitória é difícil de ser vislumbrada mesmo em conflitos que ocorrem predominantemente entre Estados, pois a vitória pode ser relativizada a partir do ponto de vista de cada ator. O vislumbre de vitória por sua vez vai depender de como cada ator considera a vitória, assim como dos objetivos, pois num conflito, ambos os atores podem ter seus objetivos alcançado e ambos se considerarem vitoriosos (BARTHOLOMESS, 2008). Para Martel (2007), é importante para os

tomadores de decisão que o conceito de vitória esteja claro em suas mentes, pois se esses que são responsáveis pelas decisões tem uma boa formulação do que a vitória realmente é, torna-se mais fácil de elaborar ideias, políticas, estratégias, e outros meios para que os objetivos sejam alcançados, garantindo assim vitória ao conseguir cumprir com a meta estabelecida.

Para que a conceituação da vitória consiga ser melhor elaborada, dando prosseguimento, isso será realizada pela revisão da literatura, demonstrando como cada corrente enxerga vitória na guerra e esclarecendo pontos essenciais para que o fenômeno em tela possa ser observada e entendida. Podendo contribuir para os tomadores de decisão em suas formulações próprias do que é vitória, a partir do que cada formulador visa através de seus resultados alcançados ao fim da guerra.

1.1.1. Carl Von Clausewitz

A visão clausewitziana da vitória é consideravelmente dependente de seus estudos acerca da natureza da guerra. Isso contribui não só para o entendimento da vitória, mas ajuda a compreender o porquê das guerras ocorrerem e acontecerem no sistema internacional. Dessa forma, para tornar compreensível a discussão de vitória é necessário adentrar um pouco e discorrer o intuito da guerra como Clausewitz (2007) a explora.

Para que a guerra aconteça é importante levar em consideração o grau de disposição de ambos os lados (adversários), pois ela só irá concretizar-se se ambos os lados desejarem, quando eles considerarem os custos do engajamento militar, se o objetivo cobre ou não esses custos. Isso pode se relacionar quando um país analisa sua capacidade perante outro para que as medidas possam ser tomadas. Nesse caso, é importante lembrar que a força de um Estado deva ser minimamente igual ou superior a força de resistência das forças armadas adversária, pois do contrário, entrar em uma guerra sendo “o mais fraco”, falando em termos de capacidades militares, só causaria mais custos para o país no desenrolar do conflito, ou mesmo podendo assegurar uma derrota militar.(CLAUSEWITZ, 2007).

Um dos argumentos essenciais para se entender o porquê da guerra no contexto clausewitziano, requer a noção que essa ocorre como forma de compelir outro ator a realizar seus interesses, mediante o uso da força, quando esse não corrobora pela via pacífica. Assim sendo, Clausewitz (2007), demonstra que a guerra é uma forma de

forçar o oponente a se submeter aos interesses daquele que demonstra mais “poder” (nesse caso, bélico, militar e estratégico) em campo de batalha.

A partir desse ponto, pode-se ter duas indagações: a primeira corresponde aos interesses de um Estado. Esses interesses são o que dão força e motivam um ator a decidir pela interação com o outro através da guerra. Da mesma forma, o contrário pode ocorrer, ou seja, se a guerra não for favorável de alguma forma para os interesses do Estado, o país pode decidir por não adentrar no conflito, podendo evitar assim, gastos que adviria do mesmo. No entanto, isso não impede que o primeiro o force a entrar em guerra por meio do próprio uso da força. A segunda indagação está ligada a relação de submissão de um ator perante outro, ou seja, o objetivo final, que é fazer com que o adversário ceda aos interesses daquele que conseguiu ter êxito em suas campanhas militares. Essa segunda proposição já consegue direcionar para uma das formas de vitória que pode ser compreendida pelos estudos de Clausewitz (2007).

Para tratar de melhor maneira acerca da vitória como compreendida pelos estudos de Clausewitz, os interesses que motivam um ator a engajar-se em um conflito armado, conseguem nos proporcionar uma melhor visão do objetivo político de um ator, o que facilita na visão de se a vitória foi alcançada. Assim sendo, a guerra entre Estados para Clausewitz pode ser considerada uma disputa de interesses entre esses atores, e aquele que conseguir obter sucesso na guerra poderá ter seus interesses atendidos (CLAUSEWITZ, 2007).

Portanto, é possível notar que para esses estudos há uma relação entre interesses políticos e vitória na guerra. Sendo que, se um país conseguir obter seus interesses em meio ao conflito ou posteriormente, em razão de seu sucesso na guerra, isso poderá fazer com que esse ator seja considerado vitorioso, pois o mesmo conseguiu o que buscava. No entanto, Clausewitz (2007) alerta acerca dos interesses, pois os interesses são seus objetivos e, portanto, estes devem ser bem traçados e planejados. Interesses fracos resultam em objetivos fracos. Se o objetivo a ser alcançado é consideravelmente fraco, então a motivação que um Estado usaria para alcançá-lo e seu ímpeto em alcançar tal objetivo serão correspondentes a seus interesses políticos (CLAUSEWITZ, 2007; ECHEVARRIA II, 2007).

Como a vitória está para os interesses do Estado é necessário atentar que esses interesses são respectivamente políticos. Dessa forma, a guerra em si torna-se uma continuação da política entre as nações, por meios violentos. Portanto, a vitória na guerra pode ter algumas faces: Ela pode acontecer na forma de vitória militar, isso em

consequência dos objetivos militares em meio ao conflito, seja através de estratégias militares que deixem o adversário vulnerável a ponto de não poderem mais defender-se, seja por meio político, quando o país tenha obtido o que queria através de sua campanha militar, qualquer que seja seu interesse: econômico, geopolítico, religioso ou outro (CLAUSEWITZ, 2007). A relação entre objetivos e meios pode contribuir para a vitória quando são conhecidos os interesses políticos de cada parte integrante na guerra para um Estado, como é apontado:

Às vezes, o objetivo político e o objetivo militar é o mesmo - por exemplo, a conquista de uma província. Em outros casos, o objeto político não irá fornecer um objetivo militar adequado. Nesse caso, um outro objetivo militar deve ser adotado, que vai servir o propósito político e simbolizar isto nas negociações de paz. Mas aqui, também, de ser dada a atenção para o caráter de cada Estado envolvido. Há momentos em que, se o objeto político deve ser alcançado, o substituto deve ser um bom negócio mais importante. Quanto menos envolvida a população e menos graves as tensões no interior dos Estados e entre eles, maiores os requisitos políticos em si irão dominar e tendem a serem decisivos. Situações podem assim existir em que o objeto político será quase o único determinante.² (CLAUSEWITZ, 2007, p. 21)

Para um tomador de decisão, os interesses políticos são os que estão em jogo em períodos de guerra, por isso, por mais que uma vitória militar ocorra em um conflito, o que valerá os esforços do engajamento militar é a vitória política, quando seus interesses de Estado conseguem ser cumpridos através da guerra, quando os custos da guerra começam a demonstrar resultados. Thomas Mahnken (2010), fazendo um breve argumento sobre a guerra, afirma que a guerra faz parte da natureza humana, isso levando em consideração os interesses e paixões que contribuem para a motivação do engajamento militar. A guerra ocorre entre soldados na esfera militar, através da violência organizada, porém ela também ocorre na esfera política em meio ao conflito através da inimizade gerada pelos interesses distintos dos tomadores de decisão de seus respectivos países (CLAUSEWITZ, 2007).

Nesse sentido a guerra em si torna-se uma extensão da política como já mencionada antes e isso contribui para o uso da mesma como forma de buscar os interesses políticos, quando se há uma boa noção de quais são os objetivos que um

² Sometimes the political and military objective is the same—for example, the conquest of a province. In other cases the political object will not provide a suitable military objective. In that event, another military objective must be adopted that will serve the political purpose and symbolize it in the peace negotiations. But here, too, attention must be paid to the character of each state involved. There are times when, if the political object is to be achieved, the substitute must be a good deal more important. The less involved the population and the less serious the strains within states and between them, the more political requirements in themselves will dominate and tend to be decisive. Situations can thus exist in which the political object will almost be the sole determinant. (CLAUSEWITZ, 2007, p. 21)

Estado tem. Dessa forma, o uso da violência no conflito consegue ser justificada pelo interesse de um ator. Assim sendo, há um reconhecimento quanto à relação de interesses dos atores políticos envolvidos no conflito e o uso da violência na forma de guerra. Sendo que essa violência usada pode ter seu grau medido em relação a motivação e importância que os interesses políticos têm para um ator. Essa dinâmica contribui para o escalonamento do conflito, assim como para o uso desenfreado da força em meio ao conflito (MORAN, 2007).

A vitória na guerra para Clausewitz então acontece, em certa medida quando um ator que se engaja no conflito militar consegue obter êxito ao alcançar seus objetivos motivadores de sua entrada na guerra. Dessa forma, a política consegue adentrar no meio militar na forma de objetivos. Assim sendo a vitória nos estudos Clausewitzianos é possível de ser observada quando são levados em consideração os interesses dos atores participantes do conflito militar, suas motivações, e seus ganhos ao fim do conflito. Dessa forma pode-se evidenciar se um Estado é, de fato, vitorioso na guerra ou não realizando essas relações de interesses (políticos) e ganhos (êxitos) ao fim da guerra.

1.1.2. William Martel

William Martel (2008), afirma que a maioria dos estudos acerca do conceito de vitória são baseados em estudos sobre a guerra clássica, ou seja, baseadas na visão de conflitos entre os Estados. Um dos problemas que é encarado para esse autor é a forma como o termo vitória está vinculado ao sucesso que um ator conquista ao fim do engajamento militar (fim da guerra). Esse uso equivocado do conceito, vinculação ao sucesso que um país pode vir a ter, somados com a falta de embasamento teórico, levando em consideração a falta de critérios para a análise da vitória, conseguem deixar todo o processo de declaração da vitória ainda mais difícil para os tomadores de decisões, governantes e até mesmo militares (MARTEL, 2007). Ele ainda argumenta acerca da necessidade e da relevância que deve haver em detrimento do melhor entendimento do conceito de vitória para aqueles que fazem parte do processo decisório:

Tendo em vista a neblina conceitual e linguística, bem como múltiplos significados e interpretações circundantes a vitória, estudiosos e formuladores de políticas precisam de uma linguagem mais formal e útil sobre a vitória para ajudá-los sistematicamente a compreender as condições

política, militar e econômicas associadas com a vitória.³ (MARTEL, 2008, p. 614)

Martel (2008) elabora vitória em três níveis para o melhor entendimento entre os tomadores de decisão. O primeiro tipo de vitória que ele elabora é a “vitória tática”; este tipo de vitória estaria ligado ao modo como uma parte vence outra no engajamento militar, dentro do campo de batalha. Além disso, esse tipo de vitória também estaria relacionado com a estratégia usada para inspirar o plano tático dentro do campo de batalha. Seria o tipo mais simples de vitória. Como Clausewitz (2007) aborda, a guerra não é vencida com um único ataque, um único engajamento entre as tropas, mas sim só aconteceria através de sucessivos confrontos, dos quais uma parte iria assim construindo sua vitória sobre a outra parte. Esse tipo de vitória seria o equivalente a vitória da batalha em meio à guerra (MARTEL, 2008).

O segundo tipo de vitória elaborado por Martel (2008) é a “vitória político-militar” e essa acontece quando uma das partes engajada na guerra consegue administrar certo número de vitórias táticas⁴, e tal acúmulo de vitórias táticas consegue contribuir para o sucesso na guerra. Um pouco diferenciada do primeiro tipo de vitória, a vitória político-militar pode englobar a conquista do território inimigo e a derrota das forças armadas adversárias, de modo que a parte vitoriosa consiga obter força o suficiente para compelir a outra parte a fazer alterações na estrutura política da mesma, contribuindo para o alcance dos objetivos da parte vitoriosa nesse tipo de vitória (MARTEL, 2008).

O terceiro nível de vitória que Martel (2008) argumenta é a “grande vitória estratégica”. Nesse nível de vitória é possível a realização de mudanças consideráveis dentro do sistema, e para que esse tipo de vitória ocorra é necessário considerar as relações de custos que um país terá para poder atingir um nível de sucesso tão alto. Esse nível de vitória pode ser caracterizado pela eliminação de fundações importantes para o Estado, como a ideologia, o governo em si e até mesmo a forma de organização da sociedade. Essa destruição de fundações relevantes para o Estado o tornam vulneráveis ao gerenciamento do Estado por parte do ator vitorioso, e dessa maneira, podendo fazer com que a estrutura pela qual o Estado derrotado se baseie seja enfraquecida através da forma de gerenciamento praticada pelo ator vitorioso (MARTEL, 2008).

³ In view of the conceptual and linguistic haze, as well as multiple meanings and interpretations surrounding victory, scholars and policymakers need more formal and useful language about victory to help them systematically understand the political, military, and economic conditions associated with victory. (MARTEL, 2008, p. 614)

⁴ Essa quantidade não pré-definida, depende muito do interesse ou objetivo final a ser alcançado.

É possível então observar que esse tipo de vitória, quando alcançada, consegue realizar uma reestruturação das fundações políticas internacionais. Para Martel (2007), esse tipo de vitória é construída a partir dos estudos realizados baseados nas guerras que ocorreram nos séculos XIX e XX, e parte do conceito de guerra total entre os Estados que tomam parte na guerra. É necessário lembrar que esse tipo de guerra, quando ocorre, se dá através de um escalonamento de conflitos entre partes a princípio, chegando ao ponto em que a guerra acaba se tornando parte do processo de escalonamento, onde o interesse absoluto é o desmantelamento do aparato governamental do Estado inimigo (MARTEL, 2008).

A vitória pode ser considerada no nível político da mesma forma como a guerra é considerada, assim como no pensamento de Clausewitz. Em outras palavras, já que a guerra é motivada por ideais políticos, sendo traduzidos em interesses, então é possível considerar que os resultados da guerra para serem clamados como vitoriosos ou não, podem partir da formulação do que os tomadores de decisão querem com o seu engajamento no conflito. Assim sendo, a vitória deve ser considerada a partir do que os tomadores de decisão em suas concepções acerca de vitória a consideram:

A vitória é determinada por aquilo que os políticos dizem e fazem, e, portanto, é uma questão de linguagem e ação precisa. Afirmando de forma clara e precisamente o que os formuladores de políticas pretendem alcançar, não produzirá necessariamente a vitória, a menos que essas palavras sejam acompanhadas por ação propositada e igualmente precisa.⁵ (MARTEL, 2008, p. 624)

Então, pode-se notar que parte da noção de vitória elaborada por Martel (2008) está relacionada com o discurso político dos tomadores de decisão. Dessa forma, a determinação dos interesses políticos somados a convicção em alcançá-los colabora no processo de vitória de um Estado, decorrente do processo pelo qual a guerra passa até a sua resolução. Da mesma maneira que Clausewitz (2007) argumenta acerca da ação tomada, que deve ser equivalente a motivação que leva-os a buscar seus interesses por meio da guerra, Martel (2008) acrescenta que é necessário que a retórica política seja prosseguida de ações que afirmem seus interesses no contexto da guerra.

⁵ Victory is determined by what policymakers say and do, and thus is a matter of precise language and action. Stating clearly and precisely what policymakers intend to achieve will not necessarily produce victory unless those words are matched by equally precise and purposeful action. (MARTEL, 2008, p. 624)

A noção da vitória, então, torna-se uma relação de como os formuladores de política e os tomadores de decisão conseguem expor de forma clara quais são os interesses do Estado, o que motivaria uma nação a entrar em guerra:

Tal como acontece com todas as questões políticas, como a vitória é interpretada depende diretamente da forma como os formuladores de políticas podem explicar precisamente o que eles procuram alcançar, como eles vão fazê-lo, e quais são as perspectivas de sucesso. A partir destes tons decididamente subjetivos, segue-se que o sucesso ocorrerá quando os formuladores de políticas comunicarem ao público especificamente o que a vitória significa: o nível de vitória, a extensão das mudanças no status quo, medida de mobilização e natureza das obrigações pós-conflito na sociedade. Sem tal orientação clara dos responsáveis políticos, ambos os grupos domésticos e atores internacionais irão interpretar a vitória em seus próprios termos e desligado com consequências desastrosas para a política.⁶ (MARTEL, 2008, p. 624-625)

Dessa maneira, Martel (2008) consegue demonstrar que a vitória como conceito e valor na guerra, também pode ser atribuída tanto pela sociedade doméstica como por outros atores internacionais, conferindo assim, maior legitimidade ao processo de reconhecimento do vitorioso na guerra.

A forma como Martel (2008) confere níveis à vitória, contribui para uma melhor análise acerca do fenômeno, e esclarece em medida a forma como se deve diferenciar as conquistas que um país consegue alcançar em períodos de conflitos. Além disso, o autor demonstra que saber tipificar vitória no nível político não é o suficiente para que a mesma possa ser reconhecida. Para tal ele argumenta que há uma necessidade de reconhecimento da vitória na guerra, tendo em vista a relação que há na retórica política do que são os objetivos do ator ao engajar-se em um conflito militar e a sua determinação em usar os meios necessários durante a guerra para alcançá-lo. Assim sendo, da mesma forma que Clausewitz (2007) argumenta que para a vitória ser alcançada é necessário que o objetivo político seja realizado, Martel assegura essa concepção de vitória atribuindo a necessidade de esclarecimento dos objetivos por meio dos tomadores de decisão.

1.1.3. J. Boone Bartholomess

⁶ As with all political matters, how victory is interpreted depends directly on how well policymakers can explain precisely what they seek to achieve, how they will do so, and what are the prospects of success. From these decidedly subjective overtones, it follows that success will occur when policymakers communicate to the public specifically what victory means: the level of victory, extent of changes in the status quo, extent of mobilization, and nature of post-conflict obligations on the society. Without such clear guidance from policymakers, both domestic groups and international actors will interpret victory in their own terms and off with disastrous consequences for policy. (MARTEL, 2008, p. 624-625)

Para este autor a vitória não é um conceito simples de ser analisado, pois ele diferencia *vencer* da *vitória*. Esta diferenciação permite expressar a condição onde é possível ter uma das condições e a outra não estar necessariamente presente⁷. Assim sendo, a vitória como um resultado final é passível de contestação, pois para ser considerada devem ser levados em questão alguns fatores. Entre os quais, se uma das partes engajadas no conflito militar é forçada se retirar do campo de batalha (por quaisquer que sejam os motivos que a levaram a tomar tal decisão). Uma vitória militar não pode ser encarada como uma vitória total, pois para que isso pudesse acontecer, devem-se levar em consideração todas as peças do quebra-cabeça político, militar, econômico, social e outros que podem estar envolvidos (BARTHOLOMESS, 2008).

Bartholomess (2008) ainda argumenta que o resultado da guerra é independente para ambos os lados e esses resultados podem variar de acordo com as condições de vitória elencadas para as partes envolvidas no conflito. Assim sendo, pode-se atribuir a vitória para ambos os lados se considerados os interesses políticos que motivaram os atores a engajarem-se no conflito. E da mesma forma o contrário pode ocorrer e não haver vitoriosos na guerra. Ele ainda argumenta que o simples fato de que uma das partes tenha obtido um grande êxito em suas campanhas militares a ponto de favorecer sua vitória, não quer dizer que a derrota está implícita ao adversário. Tornando assim, a vitória e a derrota uma questão de perspectiva política relacionada com os interesses e motivações que cada uma das partes tem.

Da mesma forma como Martel (2007) tenta apontar para a vitória em níveis⁸, Bartholomess (2008) também tenta indicar uma tipificação do conceito, onde esses níveis têm similaridade com os níveis apontados por Martel. Ele classifica-as como vitórias tática, operacional e estratégica respectivamente. Os dois primeiros níveis elaborados por Bartholomess (2008) apontam que esses tipos de vitória somente acontecem quando só se é possível enxergar vitória militar, isso vinculado também a comparações quantitativas acerca das baixas, ocupação ou não de territórios e a quantidade de prisioneiros capturados (também levando em consideração o grau de importância dos prisioneiros capturados) de ambos os lados. Assim sendo, esses tipos de vitória deveriam ser considerados com base em dados quantitativos para a elaboração do resultado. O terceiro nível de vitória apontado por Bartholomess (2008), vitória

⁷ A guerra de Yom-Kippur demonstra como o Egito teria perdido militarmente, mas conseguiu atenção suficiente para uma negociação acerca de territórios, atribuindo uma vitória política (BROWN, 1993).

⁸ Vitória tática, vitória política-militar e grande vitória estratégica.

estratégica, esta ligada ao pressuposto político da guerra, ou seja, a guerra como meio político é dotada de interesses, portanto, se é dotada de interesses, a mesma só terá o resultado vitorioso se o interesse político pelo qual a guerra fora iniciada for alcançado (BARTHOLOMESS, 2008).

Para o autor existe uma diferença entre vencer e vitória. De acordo com ele o termo “vencer” estaria mais ligado a vitórias em batalhas do que na guerra em si, vencer então estaria relacionada com os dois primeiros tipos de vitória anteriormente explanados e apontados por Bartholomess (2008). A vitória, está mais relacionada com as implicações políticas que o sucesso na guerra poderia garantir para uma das partes como ele aponta: “Vencer implica alcançar o sucesso no campo de batalha e na garantia de certos objetivos políticos, mas não, por qualquer motivo, alcançando sucesso político total (Vitória).”⁹ (BARTHOLOMESS, 2008, p. 28). Por essa razão o autor chama a atenção para o mal uso do conceito de vitória, quando este é usado em casos de sucesso durante ou ao fim do conflito.

Para ele, vencer uma batalha não faz nenhuma diferença se essa “vitória” não tem nenhuma ligação com o objetivo. Bartholomess (2008) ainda aponta que de nada adianta obter uma vitória sobre outra parte, se ao conseguir o objetivo são destruídas as bases econômicas, militares ou mesmo sociais de um Estado inimigo.

Um outro ponto que deve ser considerado é: uma guerra pode sair com mais de um vitorioso? Ou pode não ter vitoriosos? Ou mesmo, todos podem ser capazes de ser vitoriosos? Nesses casos, por que então engajar em um conflito, considerando essas possibilidades, quando as diferenças políticas, econômicas, sociais (entre outras) podem ser discutidas e resolvidas diplomaticamente? De acordo com Bartholomess (2008), a natureza da guerra e a natureza da vitória impedem que tais assuntos algumas vezes sejam resolvidos através da oratória. A guerra, para ele, seria um processo dinâmico e por isso há complexidades nela que afetam o resultado: a vitória. Observando isso, a oratória não seria capaz de resolver um conflito devido ao ímpeto das partes em obter seus interesses (BARTHOLOMESS, 2008).

Como saber quem venceu? Quem decide isso? De acordo com Bartholomess (2008), essa é uma questão que pode ter controvérsias mesmo em sua forma de atribuir uma resposta direta. Partindo do pressuposto de que a guerra acontece a partir de iniciativa política entre as partes beligerantes, então a questão da vitória também tem em

⁹ “Winning implies achieving success on the battlefield and in securing some political goals, but not, for whatever reason, reaching total political success (Victory).” (BARTHOLOMESS, 2008, p. 28).

seu cerne o conteúdo político. Para o autor, o problema agora se torna não o de quem decide se houve ou não vitória e quem foi o vitorioso, mas sim qual opinião tem o maior peso para poder ser considerada (BARTHOLOMESS, 2008).

A partir disso, e baseado em um modelo norte-americano, Bartholomess (2008) demonstra como o processo de decisão (já que é político) acerca da vitória acontece nos Estados Unidos. As primeiras opiniões a serem levadas em consideração são a do público (da sociedade americana), lembrando que como país democrático a opinião pública vale muito para ser tomada uma decisão. Em seguida, é levada em consideração a opinião dos políticos representantes do país, assim como as elites militares. Em terceiro lugar, a opinião de países amigos e aliados (podendo considerar países do mesmo bloco econômico, ou com alianças militares, entre outras). Por último, são consideradas as opiniões do mundo, de modo simples, todo o resto dos países que não se enquadram no terceiro quesito.

Ainda assim, o processo que determina quem venceu ou perdeu pode ser muito demorado, devido às contradições nas opiniões. Mas por exemplo, dentro desse processo, é muito mais fácil que o governo do país consiga manipular, ou apresentar a população de seu país que o conflito teve um resultado positivo para o país, fazendo com que a vitória se torne questão de percepção. A vitória nesse contexto se torna relativa ao que as partes conseguiram alcançar com o conflito, mesmo que não haja vencedores, ambas as partes podem ter obtido resultados satisfatórios (BARTHOLOMESS, 2008).

A forma como a vitória pode ser enxergada pelos atores, dependendo do ponto de vista e dos interesses de cada, demonstra como o conceito de vitória pode não significar somente uma questão de conceitos dados, onde por determinar o que é vitória a mesma poderia ser reconhecida quando os critérios para tal fossem alcançados. Mas em sua colaboração, é reconhecida a participação dos atores domésticos e internacionais para que a vitória possa ser determinada, dessa vez não só entre atores internacionais. Essa forma de reconhecer, além de determinar a vitória, também busca legitimá-la e deixá-la compreensível aos atores participantes, quando considerados os interesses, que quando alcançados determinam se houve ou não sucesso nas campanhas dos atores envolvidos.

1.1.4. Stephen Biddle

A relação entre vitória e derrota é um dos questionamentos principais de Biddle (2006), pois para este o que está em jogo é o que é capaz de produzir vitoriosos, assim como o que produz os derrotados no contexto da guerra contemporânea. Para ele, há fatores que contribuem para estas duas faces da mesma moeda, que podem variar desde as capacidades dos contingentes militares beligerantes, as estratégias militares adotadas e até mesmo o avanço tecnológico como forma de influir no resultado final do conflito.

Biddle (2006) argumenta que um dos erros de tomadores de decisão e até mesmo de acadêmicos é o de, ao considerar a guerra entre dois atores, tentar mensurar sucesso através das capacidades militares (bélicas) de forma estritamente empírica, dessa forma esquecendo de variáveis não materiais para o estudo. Pois se consideradas somente essas fontes de poder militar materiais na equação da guerra, como que grandes Estados (potências militares) ainda perdem em conflitos contra atores que são considerados pequenos ou fracos aos olhos do sistema internacional? Distinto dos fatores convencionais na análise de conflitos armados, o autor aponta para variáveis como força de trabalho (engajamento), a doutrina e até mesmo as táticas militares em que são utilizados os materiais bélicos (BIDDLE, 2006). Ele elabora que as variáveis não mensuráveis são de igual importância para a avaliação dos resultados da guerra.

O que pode contribuir para o sucesso militar de um ator no conflito, segundo Biddle (2006), é o bom uso do “Sistema Moderno”, que em sua palavras é:

[...]um complexo fortemente inter-relacionado de cobertura, ocultação, dispersão, supressão, pequenas unidades de manobra independente e armas combinadas no nível tático, e profundidade, reservas, e concentração diferencial no nível operacional de guerra.¹⁰ (BIDDLE, 2006, p. 3)

Assim sendo, o bom uso desse sistema implica em uma relativa vantagem militar sobre o outro ator. Da mesma forma o autor argumenta que falhar em implementar o Sistema Moderno pode expor as forças aliadas ao poder de fogo (considerando os avanços tecnológicos no poder bélico militar) moderno das forças adversárias.

Uma crítica que Biddle (2006) faz é concernente ao foco que alguns tomadores de decisão e mesmo estudiosos dão ao avanço tecnológico no campo militar, e como é esquecido o poder da força de trabalho e a correlação que existe entre a força de trabalho e o Sistema Moderno. Acerca disso, é possível observar que para que o Sistema Moderno seja eficiente é necessário que haja a participação efetiva da força de trabalho

¹⁰ The modern system is a tightly interrelated complex of cover, concealment, dispersion, suppression, small-unit independent maneuver, and combined arms at the tactical level, and depth, reserves, and differential concentration at the operational level of war. (BIDDLE, 2006, p. 3)

no conflito, em que uma não há de existir sem a outra. O avanço tecnológico, de fato, contribui para o sucesso da guerra, porém mesmo com os equipamentos mais sofisticados, é possível se observar sucesso quando há uma boa correlação entre o ‘Sistema Moderno’ e a força de trabalho.

As relações que Biddle (2006), elabora para o estudo de vitória permeiam o campo militar. Em seus argumentos, a noção de sucesso é medida através das correlações de poder que deve haver no campo militar. No entanto, ele elabora que o poder bruto das forças armadas de um país, por si só não é o suficiente para explicar a vitória quando este está sendo comparado com outro. As variáveis que explicam vitória no campo militar, não precisam ser estritamente empíricas quanto ao contingente militar ou mesmo o poder bélico das forças armadas. A vitória nesse contexto, é elaborada quando se é observada uma correlação positiva da variáveis materiais (armamento, por exemplo) e não matérias (doutrina militar de certo país, por exemplo).

1.2. Relevância dos Conceitos de Vitória

A partir do exposto, é possível ter uma noção do que pode ser considerado vitória em visões distintas, assim como diferenciar sucesso e vencer do resultado final almejado por todas as partes que se permitem entrar no conflito armado. O estudo da guerra realizado por Clausewitz (2007) contribui tanto para o melhor entendimento da natureza da guerra como para facilitar o entendimento da natureza intrínseca da vitória. A estes estudos, Martel (2008) e Bartholomess (2008) contribuem com a ideia de que a vitória pode ocorrer em níveis distintos. Dessa maneira, consegue-se ter uma perspectiva do que fora alcançado em meio ao conflito em níveis que derivam do âmbito tático ao estratégico.

Além disso, Bartholomess (2008), ainda elabora acerca do caráter relativo do resultado da guerra, e como isso pode gerar níveis de vitória, assim como níveis de derrota. Onde também é passível de enxergar a vitória com o caráter de reconhecimento de atores domésticos e internacionais e não só como um conceito elaborado e dado, onde sempre que os critérios são alcançados a vitória é considerada.

Biddle (2006) aponta para o caráter militar da vitória e como este é essencial para que ela ocorra. Dessa forma, ele elucida variáveis que muitas vezes são esquecidas no momento de considerar se houve ou não vitória. E ainda contribuindo para o fato de que na guerra contemporânea, por mais que haja avanços tecnológicos inegáveis

relacionados ao aparato militar, de nada irão contribuir, se não houver uma boa correlação da força de trabalho militar e com o sistema moderno de combate nos conflitos militares.

Todos contribuem de formas diferentes para a associação e identificação da vitória na guerra, o que nos proporciona uma melhor visão da mesma acerca dos conflitos militares contemporâneos. O uso do entendimento desses autores será essencial para o prosseguimento do trabalho. Dessa forma, podendo contribuir para os estudos e análises acerca da guerra do Líbano, que ocorreu entre o Estado de Israel e o Hezbollah.

Quadro - Revisão dos conceitos de vitória

Autor	Tipo de Vitória	Quando ocorre?
Carl Von Clausewitz	Vitória política	Ocorre quando o objetivo político é alcançado ao fim do conflito.
	Vitória militar	Ocorre quando a vitória é em campo de batalha (quando um exército prevalece sobre o outro).
William C. Martel	Vitória tática	Ocorre quando se é vitorioso em campo de batalha.
	Vitória político-estratégica	Ocorre quando há uma quantidade X de vitórias táticas, contribuindo para alcançar o objetivo político.
	Grande vitória estratégica	Ocorre quando há a destruição de bases institucionais importantes para o adversário a ponto de poder realizar as mudanças desejadas sobre o derrotado. Muito vinculado a “guerra ilimitada”.
J. Boone Bartholomess	Vitória tática	Ocorre quando se é vitorioso em campo de batalha.
	Vitória operacional	Ocorre quando se tem número X de vitória táticas, somando aos ganhos adquiridos com a vitória tática (prisioneiros, ocupação territorial, etc.).
	Vitória estratégica	Ocorre quando o objetivo político é alcançado com o fim da guerra.
	Vitória relativa	Ocorre quando há o reconhecimento da vitória por camadas: começando do reconhecimento doméstico (interno ao país) e indo até o reconhecimento internacional por outros países.
Stephen Biddle	Vitória militar	Ocorre quando a soma das capacidades tecnológicas do exército e da força de trabalho (capacidade humana) conseguem ser bem empregadas no campo de batalha, conferindo a vitória em campo.

Fonte: CLAUSEWITZ, 2007; BARTHOLOMESS, 2008; BIDDLE, 2006; MARTEL, 2007

2. Narrando a Guerra entre Israel e Hezbollah (2006)

A partir do exposto sobre a conceitualização de vitória, agora se faz necessário discorrer a respeito da: a) a Segunda Guerra do Líbano que ocorreu em 2006; b) o que desencadeia o conflito armado entre o Estado de Israel e o Hezbollah, c) o que ocorre durante o período de choque entre as forças opostas e d) como se dá a conclusão da guerra. Só então, depois destas descrições que poderá ser realizada uma análise dos fatos ocorridos na guerra, e assim, tentar atribuir vitória como abordada anteriormente pelos autores mencionados.

A Segunda Guerra do Líbano e sua inconclusão com relação ao vitorioso torna o caso importante tanto para uma melhor definição do conceito de vitória, como para um melhor entendimento do caso e dessa forma, uma melhor análise das ações tomadas pelo governo israelense, ou seja, se os seus interesses foram alcançados ao fim da guerra, como Clausewitz (2007) aborda em relação ao engajamento militar de um Estado para conseguir o seu objetivo.

2.1. O Início do Conflito

De acordo com o relatório emitido pela secretária geral das Forças Interinas no Líbano das Nações Unidas (2006), o conflito é desencadeado por parte de ações realizadas pelo grupo Hezbollah, no dia 12 de Julho de 2006, quando o mesmo lança mísseis para atacar tanto as Forças de Defesa Israelenses (IDF) na costa do país, assim como parte das forças estacionadas na fronteira com o Líbano.

De acordo com Mor (2016) o ataque do grupo às unidades de patrulha israelense deixaram um saldo de três soldados mortos em campo e outros dois sequestrados pelos membros do Hezbollah¹¹. Ao mesmo tempo, os mísseis lançados em direção do país atingiram cidades próximas a fronteira, causando danos não somente às forças armadas, deixando também vítimas civis (BBC News, 2006).

O relatório das Nações Unidas (2006) mostra que os ataques do grupo, ocorreram de forma simultânea, onde eram feitos ataques por parte dos mísseis lançados pelo Hezbollah e as forças terrestres do grupo atacavam os carros blindados das forças

¹¹ O Hezbollah é uma organização Xiita que se consolidou em meio a guerra civil libanesa de 1982 derivada de grupos que lutavam contra a ocupação israelense. Além disso, é um grupo politicamente e socialmente dominante na região, sendo reconhecido no Líbano como um partido político nacional (ARKIN, 2007; RONEN, 2006).

armadas israelenses. Foi nesses ataques terrestres que os soldados israelenses foram abduzidos pelos integrantes do grupo. O governo israelense em sua prerrogativa de defesa contra os ataques orquestrados pelo grupo argumentam que as emboscadas realizadas pelo Hezbollah a suas unidades de patrulha fronteiriças, assim como a abdução dos soldados são atos terroristas, e por essas razões medidas imediatas contra o grupo deviam ser tomadas (RONEN, 2006).

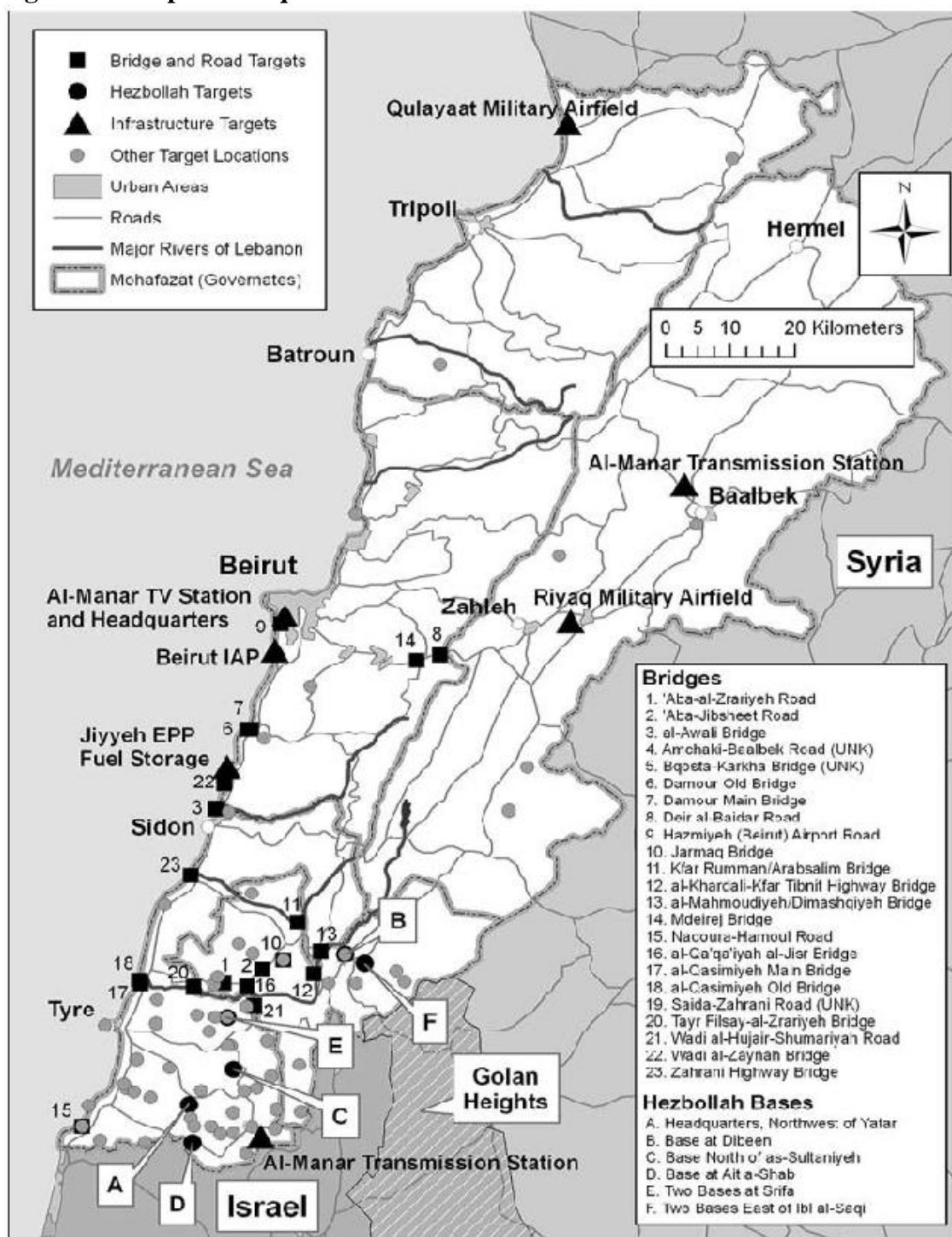
O ataque terrestre orquestrado pelo Hezbollah pode ser considerado como uma emboscada preparada pelo grupo, pois eles estavam muito bem preparados e armados com artilharia anti-tanque, provisões para passar dias no local a espera do melhor momento e até mesmo emblemas das unidades militares das forças armadas (WILSON, 2006). Como resultado no início das hostilidades, os ataques terrestres do grupo irregular obtiveram maior vantagem tática tanto pela característica da surpresa, como pelo preparo no seu engajamento contra as unidades israelenses (WILSON, 2006).

O que se segue após o ataque do grupo ao norte de Israel são declarações dos primeiros ministros de ambos os países onde se procedeu ataque do Hezbollah. O então Primeiro Ministro de Israel, Ehud Olmert, então declarou que o sequestro dos soldados israelenses era uma declaração de guerra contra o Estado de Israel por parte do Líbano, e que o Estado iria sofrer as consequências do ato praticado pelo grupo (OLMERT, 2006a; URQUHART, 2006).

Em resposta às declarações do Ehud Olmert, o Primeiro Ministro libanês, Fouad Siniora, declara que o governo do Líbano não tinha ciência do ataque preparado pelo Hezbollah, e afirmou que o engajamento militar do grupo fora um ato isolado sem nenhum apoio do governo local (QAWAS & RAFELI, 2006).

Scott Wilson (2006) descreve que uma ofensiva por parte das forças armadas israelense começara quase imediatamente como forma de primeira resposta aos ataques e declarações conduzidos pelo Hezbollah. O foco principal dos ataques israelenses era o bombardeio aéreo no Líbano, com o intuito de imobilizar as forças do Hezbollah dentro do país, assim como tentar impedir que os soldados abduzidos adentrassem ainda mais no território libanês sob o domínio do grupo. Ainda com a intenção de limitar o Hezbollah, havia o plano de controlar estradas, pontes e até mesmo o aeroporto internacional como demonstrado da Figura 1, com o intuito de minimizar a movimentação do Hezbollah, além de tentar resgatar os soldados sequestrados.

Figura 1 – Mapa de ataques israelenses ao Líbano



Fonte: ARKIN (2007, p. 17)

O Primeiro Ministro Ehud Olmert (2006) em um comunicado argumenta que embora Israel tenha-se engajado militarmente no Líbano, realizando ataques periódicos no território libanês, o alvo de seus ataques não era o Estado libanês, mas sim as forças do Hezbollah que faziam do país um esconderijo e tornavam o país vítima de suas ações solo. Ele argumenta que não é da intenção do governo israelense causar danos à

população libanesa, mas lembra que o alvo de suas incursões militares se encontra no país e muitas vezes se faz passar por civis que não fazem parte do conflito imposto pelo grupo “terrorista”.

De acordo com Arkin (2007), Olmert havia realizado uma lista de objetivos que poderia guiar a IDF em suas incursões no Líbano, contra o Hezbollah. Seus objetivos militares consistiam em: primeiro, resgatar os soldados abduzidos pelo Hezbollah; segundo, impor uma nova ordem no Líbano, dando maior prioridade a região sul do país, já que essa era que fazia fronteira com o Estado de Israel, assim como, era considerada a região onde se encontrava o “quartel general” do Hezbollah; terceiro, fortalecer a defesa do país contra ataques externos (uma vez que o Hezbollah fora bem sucedido em sua emboscada); e por último, visar a destruição do grupo terrorista por meio dos ataques que se sucederiam. Dando assim, início à contra-ofensiva israelense, chamada operação *Change of Direction*.

2.2. O Conflito

Do período em que a disputa armada entre Israel e o Hezbollah ocorre dentro do Estado do Líbano (majoritariamente acontecendo na região de fronteira entre os países), são contados 34 dias de duração do embate. O evento conhecido como “Segunda Guerra do Líbano” começou pelo dia 12 de Julho de 2006 (com o ataque das forças do Hezbollah às unidades israelenses, assim como a cidades próximas da região fronteira) e se encerrou no dia 14 de agosto do mesmo ano. A terminação das hostilidades foi consagrada através da aprovação da resolução UNSCR 1701 (2006) do Conselho de Segurança das Nações Unidas, que se tratava do desarmamento do Hezbollah e clamando pelo cessar fogo entre os conflitantes (ARKIN, 2007).

Durante os primeiros dias de combate foi possível notar que as forças armadas israelenses focaram seus ataques principalmente a partir dos meios aéreos e navais das forças armadas, não deixando muito espaço para as forças terrestres (o Comando do Norte) agirem em regiões que fossem muito distantes da fronteira dos países, onde nesse caso, atuariam com missões que fossem de pequena-média importância para o conflito. Dessa forma, a força aérea fazia boa parte dos ataques ao Hezbollah no Líbano, por meio de bombardeios de médio-longo alcance (TZABAG, 2013).

De acordo com Tzabag (2013), a emboscada realizada pelo Hezbollah às unidades de fronteira de Israel, deixaram as forças israelenses em uma boa posição de

abertura para que fossem realizados ataques consecutivos as forças do Hezbollah em território libanês. E com a surpresa do ataque, a recomendação de prioridade para as forças israelenses era a retaliação com grande força imediata ao Líbano. Isso era realizado como anteriormente mencionado pela força aérea israelenses, com o foco de atacar a infraestrutura do país, visando minimizar os pontos de apoio que o Hezbollah poderia ter, assim como mostrando o poder de reação no Líbano. No entanto, essas ações imediatas careciam de preparo assim como de uma estratégia e foco para atingir o fim que o país buscava. Ou seja, essas ações só buscavam limitar opções de fuga do grupo. Os objetivos do país na guerra seriam traçados com o seu andamento, assim como posteriormente aos primeiros dias de conflito, uma vez que as primeiras ações eram somente “respostas” aos ataques do Hezbollah.

Nos primeiros dias de combate, as ações das unidades terrestres da IDF estavam focadas em adentrar território libanês com o intuito de realizar buscas e possivelmente resgatar os soldados abduzidos pelo Hezbollah. Os veículos armados do IDF adentraram território libanês por diversas vezes destruindo postos de observação do grupo radical, onde essas incursões militares invadiram o território do Líbano em cerca de um quilometro (1Km), fazendo bloqueios nas estradas próximas a fronteira e se engajando em disputas armadas com integrantes do grupo. Com o avanço das incursões militares das unidades terrestres, integrantes do grupo que estavam nos postos de observação do Hezbollah, iniciam evacuação desses locais e preparavam-se em vilarejos e comunidades próximas a estes postos, a fim de ataques surpresas (ARKIN, 2007).

O problema em adentrar território libanês consistia no apoio local que muitas vezes o Hezbollah recebia dos civis, o que tornava os ataques orquestrados a IDF mais fortes. Também considerando que o grupo estava preparado com artilharia anti-tanque e anti-míssil nesses vilarejos e comunidades, o que tornava as incursões das unidades terrestres ainda mais arriscada para a IDF. Deve ser considerado que o Hezbollah também dispunha de mais tempo para preparo se fossem atacados pelas forças israelenses nessas zonas (ARKIN, 2007).

Os bombardeios da força aérea israelense focavam nas regiões ao sul do Líbano, pois eram consideradas os coração do grupo Hezbollah. Essas missões aéreas tinham em grande parte efeito ao destruir pontos estratégicos para o grupo, no entanto, também era evidenciado um grande custo de vidas libanesas nesses ataques, como críticos dos ataques israelenses mencionam (GREENBERG, 2006). Durante esses ataques aéreos, muitas centrais de energia foram bombardeadas, na tentativa de destruir as capacidades

do Hezbollah, e por consequência afetando civis libaneses (MSNBC, 2006). Ainda em relação aos ataques aéreos, foram realizados bombardeios a bases aéreas libanesas, onde o governo israelense considerava que era um dos meios que o Hezbollah utilizava para transporte de provisões (Jerusalem Post, 2006).

Entre as razões dos bombardeios do IDF ocorrerem contra recursos energéticos e muitas vezes atingir áreas residenciais, tornando civis vítimas dos ataques, figurava a busca por matar o líder do Hezbollah Hassan Nasrallah, assim como tentar extinguir as lideranças do grupo. Por isso, o foco em postos de observações, casas, bases aéreas e terrestres, matrizes energéticas ao sul de Beirut, que era considerada o quartel general do grupo (ARKIN, 2007).

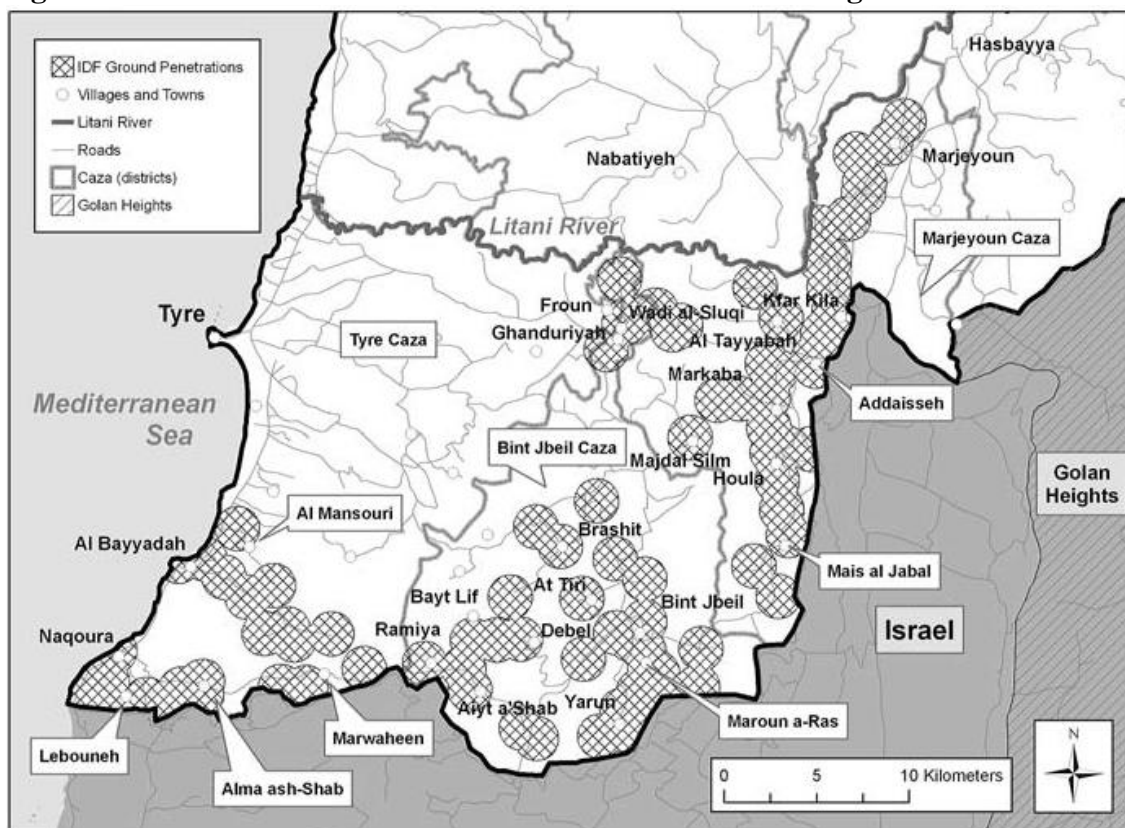
Embora os ataques aéreos israelenses tenham sido considerados de importância para a escalada do conflito com o Hezbollah, Nasrallah respondeu por meio de discursos em canais associados ao Hezbollah aos ataques do IDF, clamando que as forças armadas israelenses não iriam conseguir seu objetivo de reaver os soldados abduzidos por meio da força (pelo bombardeio contínuo as estruturas do Estado) e que os soldados haviam sido transportados para outra região mais segura. Segundo o líder do Hezbollah, o governo israelense deveria estar preparado para surpresas, caso as ofensivas israelenses continuassem (ARKIN, 2007).

De acordo com McCarthy (2006), o governo israelense e as forças armadas não estavam prontas para ceder as intimidações realizadas pelo Hezbollah, seja por meio dos discursos de seus líderes ou pela resistência na qual eles eram capazes de suportar os ataques da IDF. Ainda de acordo com o jornal, houve tentativas das forças israelenses em sequestrar líderes do Hezbollah, ao mesmo tempo em que suas tropas invadiam a região sul do Líbano.

Com o aumento da intensidade do conflito, somado ao fato de que a cada dia que se passava as unidades terrestres da IDF adentravam mais no território libanês (como aponta a Figura 2), o conflito começara a atrair a atenção internacional voltada para uma resolução do mesmo. Foi dessa maneira que o Conselho de Segurança da ONU, aprovava a resolução já citada anteriormente¹², que previa o desarmamento do Hezbollah, para que o conflito pudesse chegar ao fim. Essa resolução fora acatada, tanto por Israel, como pelo Líbano (país envolvido por causa do território), assim como o próprio Hezbollah (ARKIN, 2007).

¹² Resolução UNSCR 1701 (2006) do Conselho de Segurança das Nações Unidas

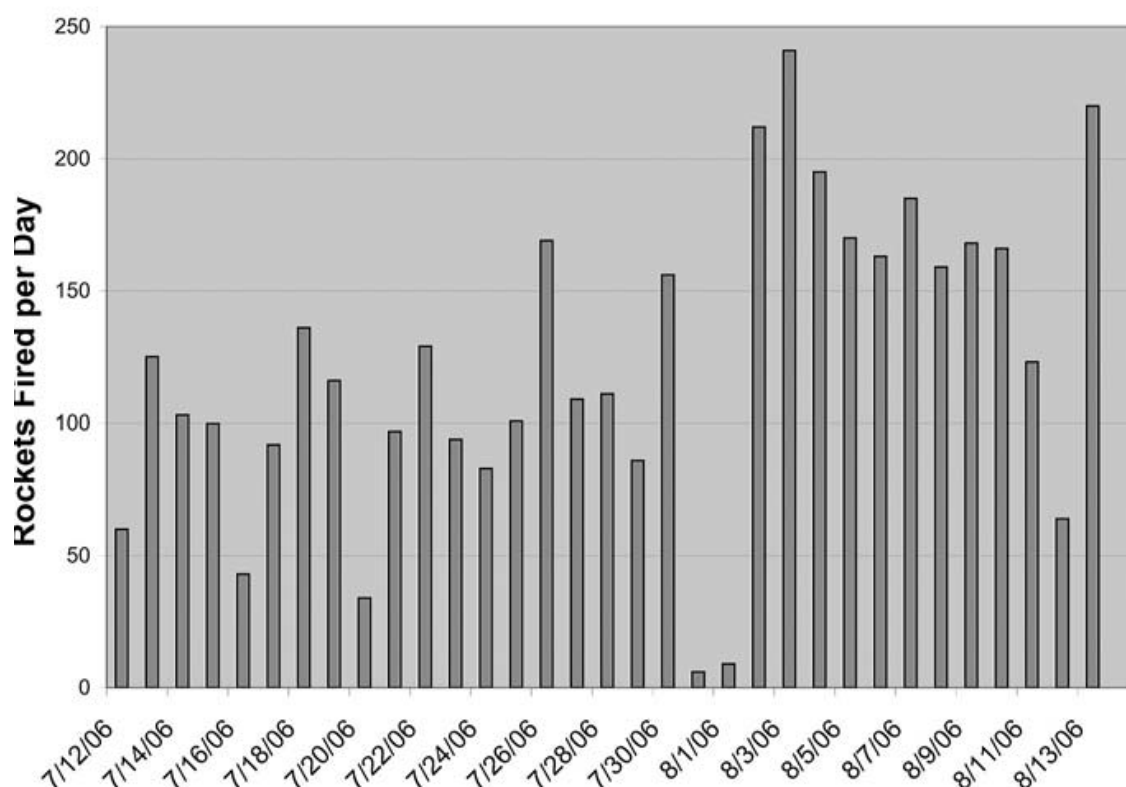
Figura 2 – Posicionamento da IDF até o momento do cessar fogo



Fonte: ARKIN (2007, p. 52)

Os termos da resolução foram acatados em 11 de Agosto de 2006 pelos três atores. No entanto, pela resolução, o cessar fogo só iria dar início no dia 14 de Agosto do mesmo ano. O que se segue após o cessar fogo, é um leve declínio dos ataques principalmente quando referidos ao Hezbollah, nos primeiros dias que sucederam a adesão do acordo, mas no dia que antecede o prazo há uma forte aumento dos ataques do grupo contra Israel(ver Figura 3). É possível notar que os bombardeios de ambos os lados não cessaram mesmo com o acordo entre as partes com a resolução aprovada pelo Conselho da Segurança da ONU. Pelo contrário, isso colaborou para a intensificação do conflito principalmente no último dia que antecedeu a data para a vigência do acordo. Essa disputa se acirrou de forma que ambos tentavam causar a maior quantidade de dano possível ao seu oponente, antes do encerramento do conflito (ARKIN, 2007; TZABAG, 2013).

Figura 3 – Número de foguetes lançados por dia pelo Hezbollah



Fonte: ARKIN (2007, p. 46)

É possível perceber que o conflito entre Israel e o Hezbollah não teve trégua até a intervenção das Nações Unidas no conflito, e mesmo com isso o conflito perdurou até o dia estabelecido pela Organização Internacional, demonstrando que nenhuma das partes estava disposta a ceder aos interesses do outro.

2.3. Dos Interesses das Partes

O Primeiro Ministro israelense, Olmert, teria elencando quatro objetivos que deveriam ser alcançados com as incursões da IDF em seus ataques no Líbano¹³, ou seja, seu engajamento militar para com o Hezbollah tinha esses pontos que deveriam ser lembrados ao atacar e ser alcançados até o fim do conflito. Primariamente, a emboscada realizada pelo grupo na qual derivou a abdução dos soldados de fronteira israelense, gerou o primeiro interesse do país na guerra, em que a busca por esses soldados seria de importância para legitimar a invasão de Israel no Líbano e debilitar as condições

¹³ Objetivos israelenses: primeiro, resgatar os soldados abduzidos pelo Hezbollah; segundo, impor uma nova ordem no Líbano, dando maior prioridade a região sul do país, objetivando ter maior controle na fronteira, por ser considerada a região onde se encontrava o “quartel general” do Hezbollah; terceiro, fortalecer a defesa do país contra ataques externos; e por ultimo, visar a destruição do grupo terrorista por meio de ataques e campanhas militares em território libanês.

operacionais de um grupos visto como ameaça existencial à Israel, assim como a retaliação pelo ataque surpresa, de um modo geral. Esse primeiro objetivo, pode ser considerado um de interesse tanto político como militar, uma vez que é considerado o histórico de negociações por pessoas abduzidas pelo Hezbollah, em troca de prisioneiros árabes (ARKIN, 2007).

O segundo objetivo tinha como função, fazer com que o Líbano tomasse maiores medidas contra grupos que atuassem dentro de seu território, dessa forma minimizando as ameaças que viriam de grupos localizados no território libanês, caracterizando assim uma iniciativa política. O terceiro objetivo proposto seria uma forma de demonstrar força da IDF não só para com o Hezbollah, mas também mostrar que as forças armadas israelenses são fortes o suficientes para intimidar seus adversários na região, sendo mais uma tentativa de minimizar possíveis ameaças vindas de fora do país. O último objetivo discorrido por Olmert, tinha em sua essência um fim político e militar, que seria a eliminação do Hezbollah. Esse último, buscava dar fim a qualquer tipo de ameaça que adviria do grupo terrorista. Assim sendo, os meios a serem utilizados pela IDF, como os próprios bombardeios a postos de observação e controle do grupo, quartel general, possíveis meios de transporte de suprimentos para o grupo, assim como bases aéreas libanesas que tivessem supostos vínculos com o grupo, e plantas de energia elétrica, teriam como fim o desmantelamento do grupo como um todo. Isso somados ao fato das tentativas de sequestro de líderes do grupo para a realização desse objetivo (ARKIN, 2007). Desta forma, seriam conectados objetivos políticos e militares.

O Hezbollah por sua vez, ao engajar-se no enfrentamento militar quando atacou as unidades de patrulha israelense tinha um único interesse, conseguir a libertação de árabes que estariam sob a custódia do governo israelense. Em coletivas de imprensa o líder do grupo Hezbollah, Hasan Nasrallah, afirmava que o governo israelense não cumpria com as negociações anteriormente realizadas em se tratando dos prisioneiros árabes. Além disso, o líder do grupo, ainda tentou advertir o governo israelense, afirmando que ações militares da IDF não ajudariam no governo em reaver os soldados sequestrados pelo grupo, e que a única maneira de resgatar os soldados israelenses seria através de negociações realizadas entre os dois atores (Al-Manar, 2006).

O governo libanês, por mais que não tenha participado efetivamente do conflito também teve interesses no período do conflito. No entanto, os interesses do governo não eram provenientes da guerra, mas da sua ausência, pois todo o enfrentamento entre as

IDF e as forças do Hezbollah aconteciam em seu território, vitimando civis libaneses. Em declaração ao *Daily Star* (2006), jornal libanês, o primeiro ministro do Líbano, continua a reafirmar o não envolvimento com o grupo terrorista na emboscada as forças israelenses e ao mesmo tempo, em declaração pede ao povo do país para serem fortes em meio às crises provenientes do ocorrido. Dessa forma, é possível notar que o interesse do governo do país está voltado na resolução do conflito da forma mais rápido possível, a fim de minimizar tanto os danos à infraestrutura do país, assim como tentar não observar vítimas desnecessárias decorrentes do conflito entre Israel e o Hezbollah.

Os interesses dessas partes são importantes para a análise do que fora realizado durante o período do conflito, se fazendo necessário para destacar se os atores teriam sido coerentes com seus discursos, principalmente no que tange ao engajamento militar israelense, como resposta a ofensiva do grupo Hezbollah. Do mesmo modo, saber quais seriam os interesses destes atores é crucial para avaliar a relação de meios para cumprir os objetivos que cada um deles almeja com o conflito. Contribuindo para a avaliação do caso no capítulo seguinte, quando será abordada a vitória e como ela pode ser enxergada nesse contexto a partir do exposto no primeiro capítulo deste trabalho.

2.4. Os Resultados

As conquistas alcançadas (ou não) por Israel com o fim do conflito, ou logo após o cessar fogo emitido pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, são de fato difíceis de serem compreendidas para uma noção do que pode caracterizar o sucesso do país perante o grupo Hezbollah, devido a uma série de contradições divulgadas, tanto por jornais, como por causa da forma como os tomadores de decisões envolvidos no conflito enxergavam a forma como a guerra chegara ao seu fim.

Segundo o jornal americano FoxNews (2006), ambos os atores envolvidos no conflito (Israel e Hezbollah) se consideravam vitoriosos ao fim da guerra e ambos tinham suas razões para se enxergarem como vitoriosos. O Hezbollah se considerava como vitorioso por ter sido capaz de perdurar no conflito armado com a IDF sem que fosse necessário ceder aos interesses do governo israelense. Ehud Olmert, alega que o Estado de Israel teria sido vitorioso no conflito por ter “acabado com o Estado dentro do Estado”, referindo-se ao Hezbollah, levando em consideração o fato de que os ataques das forças armadas a pontos considerados focais, teriam sido exitosos ao destruir grande parte do arsenal de guerra do grupo armado não-estatal.

No entanto, o fato de que parte da negociação do cessar fogo esperasse que o Hezbollah se desarmasse, pode ser considerado como ilusório, pois de acordo com Caroline Glick (2011), sair do conflito e esperar que um grupo como os Hezbollah cumprisse com o termo era inviável, ainda mais considerando que Olmert (2006b) entendia a resolução emitida pelo Conselho de Segurança, em relação a devolução dos soldados abduzidos uma vitória para o país, principalmente sem nenhum órgão com a função de fiscalizar (ou mesmo poder para fazê-lo). Nesse sentido, o argumento torna-se a questão de que se o Hezbollah sobreviveu ao conflito, então é uma derrota para o Estado israelense, também argumentando que se o governo falhou em obter uma vitória nítida no conflito, então este foi derrotado pelo grupo terrorista.

A noção de que Israel havia perdido a guerra era muito debatida entre os tomadores de decisão envolvidos no conflito. Para alguns Generais das forças armadas, assim como o General da IDF Yiftah Ron Tal, o resultado do conflito era uma falha para o governo israelense por não ter conseguido destruir o Hezbollah por completo em suas investidas militares, sendo um dos primeiros oficiais de comando a admitir uma derrota para o Hezbollah (HAREL, 2006).

No entanto, há contradições quanto a crença da derrota israelense para o Hezbollah na guerra de 2006. Muitas dessas noções só puderam ser observadas com o passar de alguns poucos anos do fim do conflito. De acordo com Eyal Zisser (2009), o que ocorreu com o fim da guerra foi de fato uma vitória israelense, pois para esta a vitória israelense pode ser considerado uma vitória estratégica por parte do governo, implicando na derrota do Hezbollah. Para este autor, o Hezbollah perde uma quantidade significativa de seu contingente operacional, tanto em relação a aparato bélico quanto as suas capacidades humanas de combate. Ainda argumenta que, mesmo com algumas falhas da IDF no proceder de seus ataques, as forças israelenses foram capazes de vencer os combates “corpo a corpo” que ocorreram e foram realizados pelas unidades terrestres, tendo como referência para esses sucesso, a ocupação e domínio no território libanês como apontado anteriormente na figura 2.

O antigo Tenente-General Dan Haloutz (2009) que atuou no comando da IDF durante o período do conflito, em primeiro momento também havia concordado com uma derrota israelense derivada das falhas relativas as forças armadas, indo desde falhas de inteligência israelense até mesmo a falhas de execução das missões designadas, assim como de comunicação. No entanto, com o passar do fim do conflito, o General aposentado já enxerga os resultados de outra forma, sendo até mais positivo do que suas

primeiras menções concernentes a guerra em 2006. Ele afirma que o conflito que ocorreu naquele ano trouxe certa estabilidade na região fronteira do Líbano, onde muito disso é decorrente do pós-guerra.

Além disso, as forças do Hezbollah que antes tinham bases de observação e comando na região sul do Líbano, não estão mais ocupadas pelo grupo e isso para ele se deve da atuação da IDF na região sul do país, somados ao fato de agora haver forças de pacificação das Nações Unidas, que atuam na região desde então. Além de considerar que é de grande relevância que o Hezbollah tem se armado e ficado ainda mais forte nesse período de tempo pós conflito (HALOUTZ, 2009).

É possível notar que a questão de vitória na segunda guerra Líbano-israelense tem suas diferentes percepções de que verdadeiramente venceu o conflito. No entanto, é perceptível que as noções de vitória são muito embasadas nos resultados obtidos com o fim do conflito e com as ações das partes, esquecendo-se um pouco das intenções do governo ao engajar-se no conflito para que assim possa ser realizada uma avaliação do que pode ser considerado vitória para o Estado de Israel.

3. Como Considerar Vitória na Segunda Guerra do Líbano?

O corrente capítulo buscará esclarecer a partir dos pressupostos teóricos apontados na primeira parte deste trabalho, o que de fato pode ser considerado como vitória israelense na Guerra do Líbano que ocorrera em 2006. As ações realizadas por pelo governo israelense durante o período de guerra (os 34 dias de conflito armado) são de importância para demonstrar se houve ou não ímpeto dos tomadores de decisão em seguir suas ações durante a guerra com a perspectiva de cumprir com seus objetivos e os interesses que os motivaram engajar-se no conflito armado contra o Hezbollah.

Assim como no primeiro capítulo a discussão teórica fora realizada por meio da diferenciação das perspectivas de vitória, deixando mais claro o que pode ser considerado vitória em relação aos pré-requisitos listados por cada autor. Haverá aqui uma tentativa de manter o mesmo padrão, para assim diferenciar os pontos de vistas em relação a suas conceituações de vitória, além de analisar melhor se houve mais de um tipo de vitória na guerra de 2006 ou se não é possível falar em vitória para um ou ambos os envolvidos.

3.1. A Perspectiva Clausewitziana da Segunda Guerra do Líbano (2006)

Através do que fora exposto por Clausewitz (2007) em relação a como este consideraria vitória é necessário lembrar qual tipo de guerra que o Estado israelense adotou para poder prosseguir na busca por seus objetivos. Pois para Clausewitz (2007), há dois tipos de guerra serem considerados: o primeiro tipo é a guerra limitada, nessa estaria em questão a tentativa de ocupação de territórios, para poder intimidar o oponente com seu poder militar adentrando o território inimigo e ocupando-o. Nesse tipo de guerra utilizada, o país invasor não teria como objetivo a destruição total do seu oponente, dando margem para uma barganha política entre estes atores. O segundo tipo de conflito como abordado pelo mesmo autor é a guerra ilimitada, neste modelo estratégico a ser seguido, há uma tentativa de destruição completa do aparato institucional do governo inimigo, tornando inviável uma barganha política, e deixando o adversário destruído mais suscetível aos interesses do país destruidor. É interessante notar que por ser uma guerra de eliminação total do aparato governamental do

adversário, a vitória é muito mais fácil de ser enxergada quando se consegue obter êxito ao destruir completamente o governo adversário e implantando normas políticas baseadas nas normas do país vencedor. Assim sendo, conseguindo uma “vitória total” sobre seus oponentes.

Quanto a utilização destes tipos de guerra, é possível notar que as forças armadas israelenses não adotaram pelo último tipo de guerra abordada por Clausewitz (2006), embora parte de seus interesses estivesse considerando a eliminação do Hezbollah, mas não do Estado ou governo libanês. É interessante observar que por mais que o último modelo fosse adotado, não seria o mais viável, pois o Hezbollah não é um Estado e não possui o mesmo aparato governamental e burocrático de um, além do fato de estar em constante movimentação, o que torna ainda mais difícil a busca por uma eliminação física total do mesmo¹⁴. Isso somado ao fato de que a guerra fora travada no Líbano, ou seja, se uma vitória total tivesse de ser obtida, essa só iria acontecer se Israel destruísse todo o aparato governamental e institucional do Líbano.

Além disso, a forma como as unidades terrestres do IDF se engajaram contra o Hezbollah, na região sul do Líbano, demonstra que o governo israelense estava mais interessado em eliminar o Hezbollah da região sul, tornando a possibilidade de ameaças advindas da área corrente menor e ainda a busca pelos soldados abduzidos. A caracterização de guerra limitada conduzida pelo IDF torna-se ainda mais visível quando as tropas das forças israelenses não somente conduzem incursões militares dentro do território libanês, como também ocupam na tentativa de conter possíveis avanços do grupo pela região, além de estarem a procura de seus soldados (ARKIN, 2007).

Do ponto de vista dos interesses israelenses (seus objetivos), como apontados por Arkin (2007), é possível notar que na caracterização de vitória atribuída por Clausewitz (2007), pois boa parte dos objetivos que o Primeiro Ministro, Ehud Olmert, elencara como interesses a serem cumpridos com relação ao conflito, com exceção da devolução dos soldados sequestrados durante a emboscada às unidades de patrulha de fronteira ao norte de Israel.

Em relação a obter uma nova ordem no Líbano (em particular na região sul do país), é possível notar que se concretizou com as incursões militares da IDF, quando estas ocupavam os territórios libaneses a medida que avançavam mais adentro do país. Ao mesmo tempo, dando continuidade a esse objetivo, a inserção de tropas

¹⁴ Alguns elementos que caracterizam atores não estatais (RISSE-KAPPEN, 1995).

pacificadoras das Nações Unidas na região conseguiu de fato, manter uma certa ordem na região, reduzindo significativamente as ameaças que adviriam da região (HALOUTZ, 2009).

Quanto a demonstração de força que o governo israelense tinha por objetivo em relação ao Hezbollah. Esse ponto, é passível de ser contestado pela forma de atuação do IDF, onde Haloutz (2009) considera que muito ficou a desejar devido as falhas que ocorreram, principalmente entre os militares durante o conflito, como erros de comunicação, que chegaram a afetar o desempenho das tropas em combate. Além disso, essa demonstração de força que também estaria vinculada com o último objetivo, fora considerada fraca por muitos daqueles que estavam dentro do governo israelense. O então, Ministro da Defesa israelense, Moshe Arens, discorre que o país falhou em “esmagar” seu inimigo, e dessa forma demonstrar poder na região. A falha maior, estaria em considerar todo o poder bélico e militar israelense e ainda assim, ter dificuldades para reduzir as forças do Hezbollah, segundo o ministro (MITCHELL, 2006).

Tratando da devolução dos soldados abduzidos pelo Hezbollah. Esse objetivo pode ser considerado cumprido, mas abrindo margem para questionamentos. Parece confuso afirmar dessa forma, mas é preciso argumentar que os soldados de fato, foram entregues ao governo israelense. Porém, a devolução só ocorreu dois anos após o encerramento do conflito. Um ponto que deve ser ressaltado é que a devolução dos soldados ocorreu quando eles já se encontravam sem vida, somente para serem enterrados em seu país de origem (HALOUTZ, 2007). No entanto, dado ao fato de que os soldados foram sequestrado com vida pelo Hezbollah, a expectativa do governo israelense em resgatá-los com vida era grande, pois o resgate de seus soldados era uma das prioridades elencadas por Olmert.

3.2. Uma Visão da Guerra Líbano-israelense Segundo Martel

A perspectiva de vitória na guerra segundo Martel (2007), considerando a conflito que ocorreu entre Israel e Hezbollah e 2006, é importante destacar que os discursos referentes aos interesses do país ao entrar no conflito são de extrema importância para a análise, da mesma forma como Clausewitz (2007) aborda. Pois esses discursos, como o do Primeiro Ministro, Ehud Olmert, onde são abordados os interesses e objetivos de Israel no conflito, demonstram o caráter político que a guerra teve.

Também é importante lembrar que Martel (2007) é influenciado pelo pensamento político da guerra de Clausewitz (2007), onde esta só ocorre se houver algum interesse político envolvido e haja a mínima perspectiva de alcance do mesmo. Nesse sentido, a diferenciação do tipo de guerra (limitada ou ilimitada) como abordada por Clausewitz, influi no tipo de vitória que se alcança durante a guerra.

Seguindo uma análise segundo Martel, (2007), é possível perceber que o conflito militar que ocorreu no Líbano favoreceu a uma vitória tática israelense por uma série de fatores: primeiramente, em relação às invasões (incursões militares da IDF). Nesse caso, como abordado por Haloutz (2009), embora as forças armadas israelenses tenham tido dificuldades de execução de suas campanhas militares, havendo assim falhas, como já apontadas anteriormente; a IDF teria sido bem sucedida em seus confrontos militares, quando é levado em consideração a capacidade de penetração em território libanês ao mesmo tempo que houve confrontos militares, o que nos leva ao segundo fator: a ocupação de bases do hezbollah ao longo da região sul do Líbano. A capacidade que as forças armadas israelenses tiveram nesse ponto, não era somente a de atacar a resistência montada pelo Hezbollah, mas também de manter de sob seu controle as bases tomadas, em pontos específicos, tornando a movimentação do grupo cada vez mais restrita na região sul do Líbano (ARKIN, 2007).

Ainda como um último fator importante para a consideração de uma vitória tática israelense, é necessário ressaltar as atividades da força aérea da IDF, que em um primeiro momento do conflito atuavam de forma a tentar impedir a movimentação do integrantes do Hezbollah na região sul do Líbano, com o intuito de resgatar os soldados abduzidos. Os bombardeios realizados pela força pela IDF após os primeiros dias de conflito foram ainda mais preciso, focando áreas onde se considerava de importância para o Hezbollah, além de bases de operações do grupo, plantas (matrizes) de energia, e até mesmo o aeroporto de Beirut, onde também fora realizado um bloqueio aéreo, assim como bloqueio naval, com a intenção de minimizar o espaço para ação do grupo dentro do Líbano (ARKIN, 2007).

No que diz respeito a uma vitória político-militar como abordada por Martel (2007), podem ser considerados os fatores militares que englobaram a vitória tática previamente elaborada concernente as forças armadas israelenses. No entanto, para poder ser observado esse tipo de vitória, no conflito Líbano-israelense de 2006, também são necessários a vinculação de seus objetivos principais, assim como os resultados obtidos com o fim do conflito.

Nesse sentido, embora as forças armadas israelenses tenham sido exitosas em suas incursões militares no Líbano, não se pode afirmar de uma vitória político-militar plena na Segunda Guerra do Líbano. Os objetivos políticos de Israel, foram muito bem esclarecidos por Olmert, assim como Martel (2008), argumenta que deva ser feito, ou seja, que aqueles tomadores de decisões ao decidirem entrar em conflito com outro ator deixem bem claros os objetivos do conflito, não só para todo o aparato governamental e suas instâncias, como também para a população de seu país.

Com os objetivos políticos bem estabelecidos e explícitos, consegue-se fazer uma avaliação do que pode-se considerar como uma vitória político-militar neste conflito além da vitória tática já mencionada, agora considerando os resultados das ações tanto do governo, como das forças armadas israelenses. Assim a atuação das forças armadas israelenses na região sul do Líbano, como abordada anteriormente, foi exitosa e conseguiu alterar um pouco o contexto da fronteira norte de Israel. Desde o fim do conflito a região fronteira conseguiu alcançar certa estabilidade, embora aconteçam alguns incidentes na região, não tão sérios a ponto de preocupar as autoridades israelenses. Nesse contexto, pode-se enxergar uma vitória-político militar, a partir do momento que não havia mais uma preocupação forte com a fronteira norte de Israel, devido as incursões bem sucedidas da IDF, que por sua vez contribuíram para a retirada das forças do Hezbollah da região. Somando também, a atuação local das tropas de pacificação das Nações Unidas (HALOUTZ, 2009).

No que tange a atuação e demonstração de força perante o Hezbollah, assim como a intenção de resgate dos soldados israelenses, podem ser considerados como falhas tanto do governo israelense, como das forças armadas em apresentar capacidade e intenção dissuasória. Em relação a demonstração de poder, a falha começa pelo sistema de inteligência da IDF que não conseguiu prever uma ofensiva na fronteira norte do país, em seguida, a falta de comunicação entre a IDF e o governo central de Israel, onde as forças armadas agiram quase que imediatamente, com a intenção de responder ao ataque do grupo o mais rápido possível, ao mesmo tempo que tentando resgatar seus soldados sequestrados (WILSON, 2006).

A atuação do governo concernente aos soldados abduzidos poderia ter levado em consideração o discurso do líder do grupo, Hasan Nasrallah, ao jornal vinculado ao Hezbollah, *Al-Manar* (2006), onde o mesmo citava o porque dos ataques do grupo contra Israel, assim como esclarecendo que ações militares israelenses não iriam contribuir para o governo no resgate dos soldados. Dessa forma, a falta de diálogo do

governo com lideranças libanesas, assim como do grupo, sujeitou na falha em reaver os soldados vivos.

O último tipo de vitória elaborado por Martel (2007), a “grande vitória estratégica”, não é possível de ser enxergada no contexto deste conflito estudado, por causa de alguns fatores. Primeiramente, o Hezbollah como um grupo organizado e não como um ator estatal, se torna mais difícil de ser derrotado considerando esse tipo de vitória, pelo simples fato de não ter um território próprio. O grupo atua no Líbano, no entanto, não tem aparato governamental (burocrático e institucional formal) para ser destruído. A facilidade de movimentação, também é outro fator que contribui para que o grupo perdure e não seja totalmente destruído por outro ator. Uma prova disso é sua retirada da região sul do Líbano, onde considerava-se que era nessa região que seu quartel general se encontrava. Com isso, nota-se que o grupo, continua a existir, uma vez que este não tenha sido totalmente destruído e que tenha alterado suas bases de comando para outras localidades. Não esquecendo o fato de que com o fim do conflito e o passar dos anos o grupo tem se fortificado, tanto em termos de capacidades humanas como em seu aparato bélico (GLICK, 2011; HALOUTZ, 2009).

3.3. A Vitória Relativa de Bartholomess na Segunda Guerra do Líbano (2006)

A vitória na guerra do Líbano de 2006 dentro da perspectiva de Bartholomess (2008) consegue ser um pouco mais complexa de ser entendida por não considerar somente condições políticas para a vitória, mas também considerando atores tanto internos como internacionais para o reconhecimento da vitória. Assim como Martel (2007), ele argumenta a respeito do conceito de vitória em tipos distintos considerando condições necessárias para que seja realizada a análise da vitória em um caso específico. No entanto, a tipificação de vitória como elaborada por este autor é muito similar a conceituação de tipos elaborada por Martel (2008). Devido a isso, já se consegue ter uma percepção de que ambos autores concordem nas caracterizações de vitória elaborados já elaborados previamente, quando analisadas vitória nos termos de Martel (2007).

No entanto, como mencionado na sua discussão sobre vitória, Bartholomess (2008), argumenta que esta pode ser considerada de diferentes formas e independentemente do resultado obtido com a guerra, dando uma característica de

relativização do conceito. Ou seja, os dois atores podem ter perdido a guerra, assim como os dois podem ter vencido, isso vai depender da forma como o conflito e os resultados são enxergados pelos próprios atores, assim como por outros atores vislumbram o acontecimentos desses períodos.

Um exemplo disso, é a caracterização de vitória para ambos os lados como noticiado pela *FoxNews* em 2006, quando é indagada a vitória por ambos os lados, onde tanto Israel se considerava vitorioso como o Hezbollah também se considerava. Isso ocorre pelas diferentes visões de resultados que ambos os atores tiveram, pois para Israel era possível enxergar a vitória em razão da estabilidade na região fronteira que iria ser gerada com o fim do conflito. Boa parte disso, resultante das ações da IDF na região sul do Líbano. O Hezbollah comparando o seu aparato bélico-militar com o das forças armadas israelenses, poderia se encontrar em uma situação de desvantagem (em termos numéricos), no entanto, a capacidade que o grupo teve de continuar lutando até o cessar fogo emitido pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, contribuiu para uma identificação da liderança do grupo acerca de vitória, pelo fato de terem conseguido resistir e sobreviver aos ataques israelenses.

Isso ocorre por que o sucesso de um ator perante o outro pode ser considerado de formas distintas como demonstrado na figura 4. Onde é possível medir em uma escala seu grau de sucesso numa campanha militar. Repare que vencer e vitória são resultados distintos nessa escala, no entanto, ambos estão no lado que caracteriza um resultado satisfatório. O fato do Hezbollah não ter sofrido uma grande derrota militar (tática), torna capaz para a liderança do grupo enxergar sucesso em suas ações, confundindo o sucesso em conseguir se manter de pé após o conflito como uma vitória¹⁵, sendo mais fácil de observar o grupo dentro da escala como um não perdedor. No caso do governo israelense, o fato de ter obtido um dos seus objetivos leva-os a se enxergarem como vitoriosos no conflito, esquecendo-se dos outros. De fato, se todos os objetivos fossem alcançados, o Estado de Israel poderia afirmar categoricamente que obteve uma vitória plena sobre o Hezbollah. Porém, o fracasso nos outros objetivos não permitiu que isso acontecesse. A vitória acontece naquele objetivo, mas não transborda para os outros. Nesse sentido, observando a figura 4 é possível notar que nenhum dos atores estão em

¹⁵ Noção de confusão acerca do uso de vitória, ou referir a vitória quando o que houve foi um sucesso, nesse caso, o sucesso referido é não ter sofrido uma derrota militar a ponto de ter suas forças extinguidas e sobrevivendo as investidas israelenses.

nenhuma das extremidades da escala, seja vitorioso (vitória plena), seja como derrotado (BARTHOLOMESS, 2008).

Figura 4 – Escala de sucesso



Fonte: BARTHOLOMESS (2008, p. 27)

A contribuição de Bartholomess (2008) para a identificação de vitória ainda é decorrente da percepção de vitória por parte de atores domésticos, assim como atores internacionais. No âmbito doméstico israelense, como já mencionado antes houve uma confusão sobre a relação de sucesso da IDF durante a guerra. Na maior parte dos casos, os próprios oficiais responsáveis pelas forças armadas israelense admitiram derrota do país, enquanto o Primeiro Ministro, como já mencionado, falava sobre vitória de Israel no conflito. No entanto, é bom ressaltar que as declarações de derrota aconteceram no mesmo ano de término do conflito (em 2006). E que houve mudança de percepção de sucesso com o passar do tempo, como o caso do antigo Gen. Haloutz (2008), que havia em primeiro momento assumido uma derrota das forças armadas e que depois de certo tempo começara a enxergar uma vitória israelense, principalmente quando se fala em estabilidade na região fronteiriça desde o fim do conflito.

Considerando a visão internacional, o ator mais importante e parceiro de Israel são os Estados Unidos. O Presidente George W. Bush (2006) em discurso da Casa Branca relativo a assuntos internacionais, discorre a respeito do Hezbollah como um grupo terrorista que ameaça a segurança dos países do Ocidente, assim como de seus aliados (referindo-se a Israel), e afirma que o mesmo sofreu uma grande derrota nas mãos das forças armadas israelenses. No entanto, o presidente americano não declara se o governo israelense fora ou não vitorioso em seu discurso, deixando assim, uma incógnita acerca de como considerar Israel como um vitorioso no conflito.

Dessa forma, a perspectiva de vitória através de como é enxergado o resultado do conflito por atores domésticos e internacionais como apontada por Bartholomess (2008) não consegue suprir a confusão sobre o vitorioso, do conflito. No entanto, ele colabora para ajudar na identificação do porque da relativização de vitória pelos dois atores principais.

3.4. A Avaliação de Biddle das Capacidades na Guerra entre Israel e Hezbollah (2006)

O importante a ser considerado para a identificação de vitória na Segunda Guerra do Líbano, usando os critérios definidos por Biddle (2006) é conseguir enxergar se a força de trabalho israelense (IDF) somados com o seu aparato militar tecnológico conseguiram obter resultados satisfatórios. Vale ressaltar que para Biddle, em sua análise acerca de vitória, o que mais é levada em consideração é a vitória em termos militares, o que Martel (2007) abordaria como vitória tática.

Considerando a atuação das forças armadas israelenses é possível notar que houve uma boa correlação militar, apesar das falhas mencionadas por Haloutz (2009), uma vez que os resultados foram de certa forma, positivos. Para Biddle (2006), a vitória é considerada na somatória do uso de suas capacidades humanas e bélicas com o fim de se alcançar o objetivo militar.

Nesse contexto, as unidades terrestres que atuaram no conflito foram bem sucedidas por conseguirem adentrar o território libanês, confrontar as tropas do Hezbollah com sucesso e forçar a retirada dos integrantes do grupo na região invadida, continuando as missões por meio de ocupação do território libanês, inibindo a movimentação do grupo na região sul do país (ARKIN, 2007).

Quando Haloutz (2009) argumentava de falhas de comunicação, de implementação de táticas, de resposta a ataques, consegue-se perceber uma fraqueza na IDF no período do conflito. Porém essas falhas (fraqueza) que ocorreram durante o conflito foram sobrepujadas pelo espírito nacional, chamado por Clausewitz (2007) de *Volksgeist*, onde é que constrói a noção de sobrevivência da nação como Bolia (2004), argumentara com relação ao sentido de sobrevivência israelense durante a guerra de Yom-Kippur, em 1973. Ou seja, mesmo com as falhas mencionadas pelos generais da IDF, que ocorreram tanto no âmbito das tomadas de decisões como no campo de batalha, essa noção de sobrevivência da nação faz parte da doutrinação militar dos soldados. O que contribuiu para o sucesso das unidades terrestres da IDF em meio aos problemas.

Tratando das capacidades tecnológicas da IDF, pode-se afirmar que a força aérea israelense conseguiu cumprir seu objetivo ao atacar pontos vitais para o Hezbollah, em comunidades e vilarejos que eram considerados essenciais para o grupo, estrangulando

as ações do Hezbollah, mas não impedindo que o grupo pudesse contra-atacar com mísseis de curto alcance (ARKIN, 2007).

A identificação de vitória de acordo com Biddle (2006), no conflito Líbano-israelense de 2006, se daria através dessa correlação de ataques a alvos específicos do Hezbollah, onde quer que fosse considerado os focos de ataque, com as missões das unidades terrestres da IDF que conseguiam de forma conjunta, restringir a atuação do grupo, de tal forma que ao final do conflito com o cessar fogo, a região sul do Líbano, estivesse em parte sobre o controle das forças armadas israelenses. Dessa maneira, minimizando posteriores ameaças advindas da fronteira norte de Israel (ARKIN, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de vitória como fora abordado pelos autores propostos, consegue ser muito mais que uma simples nomenclatura para o resultado de um conflito. O sucesso do conflito não pode ser mensurado somente pelos resultados positivos. Consegue-se observar que a vitória como conceito é de importância para todos os que estão envolvidos no processo de tomada de decisão, assim como para aqueles que participam da estratégia de guerra de um ator. Pois antes de ser formulado um meio para conseguir vencer um conflito, deve-se primeiro saber quais os objetivos centrais e razões que incentivam um ator a se engajar na guerra (CLAUSEWITZ, 2007). A partir desses objetivos traçados que se pode ter uma noção do que poderá ser considerado vitória.

A guerra em si é uma construção política (continuação da política), além de ser o meio pelo qual o objetivo (político) será alcançado e essa só deverá ser usada com tal finalidade. Dessa forma, nenhum ator quer assumir os custos¹⁶ de uma guerra sem nenhum intento e sem que essa intenção consiga suprir esses custos. A partir do instante em que um país resolve envolver-se em um conflito armado, esse está afirmando que está pronto para assumir os custos da guerra, e por consequência assumir os custos da vitória. Pois, se a vitória na guerra não tiver custos altos, então terá sido um ato diplomático entre os atores (SULLIVAN, 2008).

Nesse contexto, a Segunda Guerra do Líbano (2006), demonstra que um conflito pode ter a formulação de seus objetivos mesmo depois do engajamento militar. Isso ocorre pela atuação surpresa do Hezbollah na fronteira norte de Israel, ao atacar as unidades de patrulha fronteiriça, deixando feridos e mortos e sequestrando dois soldados das forças israelenses. A partir disso, um dos objetivos torna-se o resgate dos soldados, assim como responder ao ataque de grupo com a mesma força e intensidade (ARKIN, 2007).

As intenções do Hezbollah eram bem claras no primeiro momento do ataque surpresa. Chamar a atenção do governo israelense quanto aos compromissos que o líder do grupo dizia que Israel não estava cumprindo, em relação aos prisioneiros árabes mantidos sob a custódia do governo israelense, como relata Hasan Nasrallah, em conferência de imprensa ao jornal *Al-Manar* (2006).

¹⁶ Custos econômicos, sociais, morais.

Com a resposta das forças armadas israelenses revidando o ataque a suas patrulhas, assim como cidades próximas da região, Israel assume uma postura ofensiva com relação ao Hezbollah, e tem como outros objetivos, demonstração de força, alteração na estrutura regional do sul do Líbano, que até então era dominada pelo grupo, considerando que uma de suas maiores bases se encontrava ao sul de Beirut. E a tentativa de acabar com o mal pela raiz, tentando acabar com a força que o Hezbollah detinha na região (ARKIN, 2007).

O conflito perdura por trinta e quatro dias, se encerrando com o cessar fogo emitido pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Tratando da forma como o conflito estava encaminhando, havendo cada vez mais bombardeios de ambos os lados, e por consequência tendo casualidades que poderiam ser evitadas, de acordo com relatório das Forças Interinas das Nações Unidas (2006).

Desde o fim deste conflito o que se sucede é uma incógnita acerca de quem seria o vitorioso, considerando-se os resultados obtidos de ambos os lados. Se considerarmos que o Hezbollah tenha saído com uma margem de um terço de seu contingente operacional humano desse conflito (ZISSER, 2009), somando com o fato de que o Hezbollah perdera todo o seu território e bases que se encontravam ao sul de Beirut. O êxito das unidades terrestres da IDF ocorreu ao adentrar território libanês, com o intuito de interceptar, numa primeira instância, os militantes do Hezbollah, com a intenção de resgatar os soldados sequestrados (ARKIN, 2007).

No entanto mesmo sem o sucesso em reaver seus soldados, as incursões militares adentro do território libanês, realizadas pelas forças israelenses, contribuíram para um afastamento progressivo do grupo libanês da fronteira com Israel. Deixando assim, a região sul para o controle das Forças de Pacificação das Nações Unidas, que começaram a atuar com mais frequência na região (ARKIN, 2007).

Essa retirada do Hezbollah da região sul pode ser considerada uma vitória para Israel, pois de acordo com o agora aposentado Gen. Haloutz (2009) que participou de forma ativa no conflito, a região fronteiriça está mais estável que em qualquer outro período da história de Israel. O país conseguiu demonstrar a sua força ao atacar de forma impiedosa o território libanês, embora tenha deixado muitas vítimas desnecessárias durante o conflito.

É possível, então notar que o governo israelense conseguiu obter parte de seus objetivos. O que poderia consagrar o país como um vitorioso, principalmente quando atentos que a maioria das vitórias conseguidas por Israel durante o conflito, são de

caráter militar, salve a relação de estabilidade na região, que torna mais fácil de se lidar com questões fronteiriças de agora em diante (HALOUTZ, 2009).

No entanto, o que pode ser considerado uma grande derrota ao mesmo tempo para o governo israelense é não conseguir resgatar seus soldados com vida do conflito. Principalmente porque o resgate destes soldados era um dos objetivos oficialmente motivadores da contra-ofensiva, além de motivar as incursões das unidades terrestres da IDF.

Em suma, a relação de vitória ou não israelense na Segunda Guerra do Líbano, pode ser considerada através dos tipos de vitória elencados pelos autores, como Martel (2008) ou mesmo, Clausewitz (2007), quando essas são consideradas restritas aos níveis políticos ou militares. No entanto, é bom ressaltar que a vitória só poderá ser enxergada como plena a partir do momento que em que todas as condições elencadas pelos autores são cumpridas, obtendo vitória tanto nas esferas políticas e militares respectivamente.

Por isso, é possível dizer que em vários aspectos Israel teria sido vitorioso em relação ao Hezbollah. O fato do grupo ter conseguido sobreviver e perdurar aos ataques israelenses por si só não pode ser considerado como vitória, pois não tem relação com os interesses que o Hezbollah queria cumprir com o engajamento militar. Em contrapartida aos interesses do grupo, o estado israelense teria sido exitoso em conseguir cumprir com a maioria dos seus objetivos tanto políticos como militares. Isso pode conceder ao país o status de vitorioso, porém a não devolução imediata dos soldados, assim como e a não eliminação do Hezbollah faz com que a vitória não seja reconhecida por alguns dos que fizeram parte do conflito na cadeia e liderança israelense (HALOUTZ, 2009).

Nesse sentido, se houver uma condição que não esteja de acordo para a noção ou identificação de vitória, só poderá haver uma vitória parcial, ou vitória relativa como abordada por Bartholomess (2008). Assim, pode-se enxergar que Israel conseguiu ser exitoso em alguns pontos como já mencionados, permitindo-se atribuir vitórias (em sua maioria, militares), da mesma forma que deixou a desejar em outros pontos que podem ser atribuídos a uma não derrota (ou perda), como na escala ilustrada por Bartholomess (2009). Contudo, o fato de Israel não ter conseguido alcançar certas medidas não lhe confere o *status* de país derrotado.

Desvinculando o fato de que Israel não tenha conseguido resgatar seus soldados sequestrados pelo Hezbollah, mas conseguindo cumprir todos os outros objetivos, é possível afirmar que o Estado israelense tenha saído do conflito como o ator vencedor,

assim como Bartholomess (2008) aponta em sua escala de sucesso, na Segunda Guerra do Líbano, embora não tenha atingido uma vitória plena, com a realização de todos os objetivos. O fato de Israel ser vencedor no conflito, pode ser atribuído também com a questão de diminuição de conflitos na fronteira norte do país como apontado por Haloutz (2009), onde o Hezbollah perdera sua força na região sul do Líbano. O sucesso então obtido por Israel no conflito é muito mais considerado como um ator vencedor, o que na escala de sucesso (Figura 4) de Bartholomess (2008) é o que mais se aproxima de reconhecimento de vitória na guerra. Dessa forma, pode-se enxergar um resultado final para Israel positivo ao vencer o conflito contra o Hezbollah de 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-MANAR. Press Conference with Hasan Nasrallah. Understanding the present crisis. UPC, 12 July 2006. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20061113080502/http://www.upc.org.uk/hasann12jul06.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

ARKIN, William M.. *Divining Victory: Airpower in the 2006 Israel-Hezbollah War*. Alabama: Air University Press, Maxwell Air Force Base, 2007. 354 p.

BARTHOLOMEES, J. Boone. Theory of victory. *Parameters*, Pennsylvania, v. 38, n. 2, p. 25-36, 2008.

BBC NEWS. Day-by-day: Lebanon crisis - week one. *BBC News*, UK, 19 jul. 2006. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/middle_east/5179434.stm>. Acesso em: 09 mar. 2016.

BIDDLE, Stephen. *Military Power: Explaining Victory and Defeat in Modern Battle*. New Jersey: Princeton University Press, 2006. 337 p.

BOLIA, Robert S. Overreliance on Technology in Warfare: The Yom Kippur War as a Case Study. *Parameters*, Pennsylvania, vol. 34, n. 2, p. 46-56, 2004.

BROWN, Stephen D. *Anwar Sadat and the Yom Kippur War. Course 1: Foundations of National Security Strategy*. Washington D.C., National War College, p. 1-9, 1993.

BUSH, George W.. President Discusses Foreign Policy During Visit to State Department. *White House*. The State Department, Washington, D.C., 14 ago. 2006. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2006/08/20060814-3.html>>. Acesso em: 02 out. 2016.

CLAUSEWITZ, Carl Von (1976). *On War*. New York: Oxford University Press, 2007.

SINIORA, Fouad. Statement by Prime Minister Fouad Siniora. *Daily Star*, Lebanon, 17 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.dailystar.com.lb/News/Lebanon-News/2006/Jul-17/42939-statement-by-prime-minister-fouad-siniora.ashx>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

ECHEVARRIA II, Antulio J.. *Clausewitz and Contemporary War*. New York: Oxford University Press, 2007.

FOXNEWS. Both Hezbollah and Israeli Leaders Declare Victory. *FoxNews*, USA, 14 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.foxnews.com/story/2006/08/14/both-hezbollah-and-israeli-leaders-declare-victory.html>>. Acesso em: 20 Ago. 2016.

GLICK, Caroline B. The path to the next Lebanon War. *Jerusalem Post*, Israel, 11 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.jpost.com/Opinion/Columnists/The-path-to-the-next-Lebanon-War>>. Acesso em: 02 out. 2016.

GREENBERG, Hanan. IDF bombs Hizbollah stronghold in Beirut. *Ynetnews*, Israel, 14 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-3275366,00.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

HALOUTZ, Dan. The Second Lebanon War: Achievements and Failures. In.: *Military and Strategic Affairs*, Israel, Vol. 1, N. 2, p. 61-71, 2009.

HAREL, Amos. IDF general urges army chief to quit his post over 'failure' of war. *Haaretz*, Israel, 4 out. 2006. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/news/idf-general-urges-army-chief-to-quit-his-post-over-failure-of-war-1.200501>>. Acesso em: 02 out. 2016.

ISRAEL. Israeli Ministry of Foreign Affairs. *Cabinet Communiqué*. Israel, 16 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.mfa.gov.il/mfa/pressroom/2006/pages/cabinet%20communique%2016-jul-2006.aspx>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

Jerusalem Post. "IAF strikes Lebanese Air Force base". July 13, 2006. Disponível em: <<http://fr.jpost.com/servlet/Satellite?cid=1150885985413&pagename=JPost/JPArticle/ShowFull>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

MAHNKEN, Thomas G. Strategic Theory. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James J.; GRAY, Colin S.. *Strategy in Contemporary World*. New York: Oxford University Press, 3 ed. 2010.

MARTEL, William C.. Formulating Victory and Implications For Policy. *Orbis*, EUA, Vol. 52, n. 4, p. 613-626, 2008.

MARTEL, William C.. *Victory in War: Foundations of Modern Military Policy*. New York: Cambridge University Press, 2007.

MCCARTHY, Rory. No turning back in pursuit of Hizbullah. *The Guardian*. London, 2 ago. 2006. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2006/aug/02/syria.israel3>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

MITCHELL, Chris. Did Israel Lose the War? - Part Two. *CBNnews.com*. 8 set. 2006. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070111110105/http://www.cbn.com/cbnnews/commentary/newsblogs/jerusalemdate/060908.aspx>>. Acesso em: 02 out. 2016.

MOR, Ben D. Defining the Ambiguous Situation: Context and Action in the 2006 Lebanon War. *Foreign Policy Analysis*, New York, Vol. 12, p. 66-84, 2016.

MORAN, Daniel. The Instrument: Clausewitz on Aims and Objectives in War. In: STRACHAN, Hew; HERBER-ROTHER, Andrea. *Clausewitz in the Twenty-First Century*. New York: Oxford University Press, 2007.

MSNBC. Israeli planes strike southern suburb of Beirut. *NBC News*, New York, 13 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.nbcnews.com/id/13823680/#.WBbf9NurLIU>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

MUNKLER, Herfried. The wars of the 21st century. In: *IRRC*, Vol. 85, n.º 849, p. 18, 2003.

OLMERT, Ehud. PM Olmert: Lebanon is responsible and will bear the consequences. *Israel Ministry of Foreign Affairs*, Israel, 12 jul. 2006a. Disponível em: <<http://www.mfa.gov.il/mfa/pressroom/2006/pages/pm%20olmert%20-%20lebanon%20is%20responsible%20and%20will%20bear%20the%20consequences%2012-jul-2006.aspx>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

OLMERT, Ehud. PM Olmert's Speech at the Knesset Regarding the War in the North. *Office of the Prime Minister of Israel*. Israel, 14 ago. 2006b. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20070210035841/http://www.pmo.gov.il/PMOEng/Communication/PMSpeaks/speechknes140806.htm>>. Acesso em: 02 out. 2016.

QAWAS, Nafez; RAFEL, Raed El. Simiora's Cabinet makes clear it had nothing to do with 'what happened'. *Daily Star*, Lebanon, 13 Jul. 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060714183432/http://dailystar.com.lb/article.asp?edition_id=1&categ_id=2&article_id=73930>. Acesso em: 12 mar. 2016.

RISSE-KAPPEN, Thomas (ed). *Bringing Transnational Relations Back In. Non-State Actors, Domestic Structures and International Institutions*. New York: Cambridge University Press, 1995.

RONEN, Yaël. Israel, Hizbollah, And The Second Lebanon War. *Yearbook of International Humanitarian Law*, New York, vol. 9, p. 362-393, 2006.

SULLIVAN, Patricia L.. At What Price Victory? The Effects of Uncertainty on Military Intervention Duration and Outcome. *Conflict Management and Peace Science*, Athens, vol. 25, n. 1, p. 49-66, 2008.

SULLIVAN, Patricia L.. War Aims and War Outcomes: Why powerful states lose limited wars. *Journal Of Conflict Resolutions*, Athens, vol. 51, n. 3, p. 496-524, 2007.

TZABAG, Shmuel. Ending the Second Lebanon War: the interface between the political and military echelons in Israel. *Israel Affairs*, Israel, vol. 19, n. 4, p. 640-659, 2013.

UNITED NATIONS INTERIM FORCE IN LEBANON. United Nations Security Council. *Report of the Secretary-General on the United Nations Interim Force in Lebanon for the period from 21 January 2006 to 18 July 2006*. New York, 2006. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20150107080734/http://domino.un.org/unispal.NSF/fd807e46661e3689852570d00069e918/87e2508779d8ec83852571b6004c761f>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

URQUHART, Conal. Israelis invade Lebanon after soldiers are seized. *The Guardian*, London, 12 Jul. 2006. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2006/jul/12/israelandthepalestinians.lebanon>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

WILSON, Scott. Israeli War Plan Had No Exit Strategy. *The Washington Post*, 21 out. 2006. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/10/20/AR2006102001688.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

ZISSER, Eyal. Nasrallah's Defeat in the 2006 War: Assessing Hezbollah's Influence. *Middle East Quaterly*, Philadelphia, vol. 16, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.meforum.org/2054/nasrallahs-defeat-in-the-2006-war>>. Acesso em: 02 out. 2016.